

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Psicologia

Manuela Borghi Crissiuma

A DIMENSÃO ÉTICA NA ESCOLHA PROFISSIONAL DOS
JOVENS PRIVILEGIADOS ECONOMICAMENTE: UMA
LEITURA PSICANALÍTICA

Curso de Psicologia

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Pontifícia Universidade Católica

São Paulo

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Psicologia

Manuela Borghi Crissiuma

manucrissiuma@hotmail.com

A DIMENSÃO ÉTICA NA ESCOLHA PROFISSIONAL DE
JOVENS PRIVILEGIADOS ECONOMICAMENTE: UMA
LEITURA PSICANALÍTICA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como exigência
parcial para a graduação no curso
de psicologia, sob orientação do
Prof. Dr. Marcelo Sodelli

Curso de Psicologia

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Pontifícia Universidade Católica

São Paulo

2011

Agradecimentos

À meus pais por sempre me apoiarem nas minhas decisões, confiando e apostando em mim. Por sempre basearem a nossa relação em muito carinho, amor, lealdade e confiança. Nunca deixando de apontar meus erros e acertos, proporcionando sempre um lugar de reflexão e discussão. Ao amor incondicional e essencial que vocês me dão todos os dias. Vocês são e sempre vão ser exemplos para mim.

À meu irmão, Ricardo, pela sua paciência (nem sempre) e dedicação. Pela possibilidade da dúvida, me deixando construir assim, minhas próprias opiniões e verdades. Ajudando a me tornar uma pessoa mais crítica e ciente do que se passa á minha volta.

À minha cunhada, Maria, pela sua dedicação e sua amizade para comigo. Obrigada pela sua humildade e sua escuta atenta e sensível.

À meu orientador, Marcelo Sodelli, por respeitar meu tempo e confiar no meu trabalho.

À Andrea, por proporcionar a descoberta de mim mesma.

À Mariana e Renam, amigos que me ensinam algo novo a cada dia e que me apoiaram em todos os momentos difíceis esses últimos anos.

À todas as minhas amigas, que compreenderam a minha ausência por meio ano para me dedicar ao TCC sempre ouvindo meus lamentos e ficando do meu lado.

Resumo

Manuela Borghi Crissiuma: A Dimensão Ética na Escolha Profissional dos Jovens Privilegiados Economicamente: uma leitura psicanalítica.

Orientador profº : Marcelo Sodelli

É fundamental analisar e entender o contexto social e cultural que os jovens vivem hoje, analisando as condições, os sofrimentos e os contextos dos jovens. Contexto esse caracterizado por se encontrar em uma sociedade fluida e efêmera, que se caracteriza pela intermediação do consumo e do descartável. Assim tematizaremos o conceito de uma escolha profissional dentro deste cenário e suas implicações para uma sociedade no geral. Tendo em vista que sucesso profissional passou a ser sinônimo de sucesso financeiro. O estudo será feito no enfoque psicanalítico, por meio de uma pesquisa qualitativa, realizada de forma individual visando a escuta acerca das vivências e das experiências singulares de cada sujeito. O enfoque da entrevista incide na escuta acerca das escolhas e da vida de 2 jovens, tentando deixar a entrevista a mais aberta possível, para que assim os sujeitos possam ter maior liberdade nas suas respectivas cadeias associativas. Observou-se que o discurso dos jovens é muitas vezes inocente, desresponsabilizado e pouco implicado para com o Outro e para com o coletivo. Nos parece que seus discursos estão colados à um reconhecimento social através do status, ou seja, suas escolhas dizem pouco a respeito de seus próprios desejos e mais acerca das demandas de uma sociedade de consumo. Pudemos perceber então que são discursos alienados em um discurso hegemônico, fugindo assim de uma escolha autêntica e espontânea que visa o engajamento e o comprometimento social e coletivo.

Palavras-chave: Escolha Profissional, Ética, Sociedade de Consumo, Jovens Privilegiados Economicamente, Ação e Psicanálise

Sumário

I – Introdução.....	p. 6
II – Problema de Pesquisa	p.11
III – Método	p.12
IV – A escolha profissional na contemporaneidade	p.14
IV i – A ética e o coletivo no mundo descartável	p.16
IV ii – As relações pautadas pelo consumo	p.19
IViii -Articulando o conceito de Arendt sobre a ação.....	p.23
V- Resultados foco 1.....	p.27
VI- Resultados foco 2	p.38
VII- Discussão dos Resultados	p.47
VIII – Conclusão	p.58
IX- Referências.....	p. 60

O Trabalho

por Olavo Bilac

Poema publicado em Poesias Infantis

Tal como a chuva caída
Fecunda a terra, no estio,
Para fecundar a vida
O trabalho se inventou.

Feliz quem pode, orgulhoso,
Dizer: “Nunca fui vadio:
E, se hoje sou venturoso,
Devo ao trabalho o que sou!”

É preciso, desde a infância,
Ir preparando o futuro;
Para chegar à abundância,
É preciso trabalhar.

Não nasce a planta perfeita,
Não nasce o fruto maduro;
E, para ter a colheita,
É preciso semear...

Introdução

Segundo o Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, ÉTICA é "o estudo dos juízos de apreciação que se referem à conduta humana susceptível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente à determinada sociedade, seja de modo absoluto"

A escolha da palavra "ética" ligada à escolha profissional do jovem se justifica uma vez que esta requer uma responsabilidade individual de escolhas. Ela não é algo dado pronto e acabado, não é uma lei escrita, nem uma regra e ela não se confunde com a moral. A ética é mais que isso, ela não é uma definição de bom e ruim, de justo, injusto. Ela é guiada pela prudência e pelo simples fato de ser tida como boa. Ademais, em uma ação ética é preciso estar-se disposto e capacitado a sofrer um pequeno prejuízo. Por isso, o conceito de herói, aqui não é daquele que vence, triunfa e conquista, mas sim um herói que sofre, que perde e que fracassa.

Devo salientar, também, que exigências como liberdade, igualdade, solidariedade, reciprocidade são em última análise o que se quer da ética, estas são fundamentais.

Uma formação ética seria, então, aquela que se contrapõe a um sucesso material puro e simples. Seria aquela em que a pessoa se pergunta "que vida eu quero viver?" e "que vida eu quero para meus semelhantes?".

Essa definição de ética nos permite compreender sua amplitude: uma vida boa, em termos éticos, é consequência de um sentido de felicidade que contemple o si mesmo e também o outro, objeto da moral, e completa-se em instituições em que um conteúdo moral esteja presente: a justiça (Tognetta e La Taille 2008, p.182).

A escola deve ter sempre a finalidade de contribuir para com a sociedade em que vivemos, dando ferramentas, instrumentos e condições para que seus alunos possam desenvolver uma análise crítica e real do mundo de que fazem parte. Compreender isso é também uma busca do próprio auto conhecimento e de uma possível, porém limitada, liberdade de escolha no que se refere aos projetos futuros de cada indivíduo. Sendo assim, é necessário constituir, na escola, um espaço democrático e de convívio ético, que permita discutir e refletir os modos de ação social e os temas que atingem os alunos diretamente. No entanto, tais propósitos envolvem a frustração, uma vez que tais princípios entram em conflito com uma exigência egoísta do indivíduo, com as renúncias impostas pela própria civilização; a renúncia ao narcisismo.

O individualismo egoísta não é apenas resultado de vícios morais: e a sociedade de consumo? E o valor sacrossanto do lucro? A

preocupação com transformações pessoais é boa, mas não pode nos fazer esquecer que as transformações sociais permanecem necessárias. Portanto, as preocupações éticas não podem se dar em detrimento das preocupações políticas (La Taille, 2000, p.10).

Deve-se entender que a escolha profissional é, sim, individual mas, ao mesmo tempo, ela também se constitui a partir de múltiplas determinações. A família, a sociedade, a cultura, a mídia, os colegas e a escola também vão determinar de alguma maneira a escolha de uma carreira. Sendo assim, é importante se ter uma visão crítica não só da escolha do jovem, mas também da sociedade onde vive e como ele pode contribuir com esta.

Sociedade esta que demanda uma inserção do indivíduo diferente assim, de uma adaptação. O primeiro conceito corresponde a uma tomada de decisão no sentido de intervenção no mundo. Já a segunda corresponde a uma ideia de adequação, ajuste de corpo as condições materiais e históricas. Fica claro aqui uma distinção fundamental entre estes dois conceitos, um é passivo e outro é ativo.

Entra aí pois, um dos papéis da escola que deve estimular o conhecimento, fazendo com que o aluno crie e produza e não somente absorva conteúdo. A aprendizagem deve ir de encontro a uma visão de cidadania, educar como forma política de atuar na sociedade. É relevante que uma proposta de educação seja sempre direcionada para a formação de seres pensantes, críticos, que desenvolvam instrumentos capazes de melhorar a proposta social: eles deverão apropriar-se de sua história e tornarem-se protagonistas e agentes de mudanças para um futuro melhor.

Ao mesmo tempo em que se mostra um brasileiro que venceu na vida de forma honesta e com muitas dificuldades, nunca deixam de lembrar que ser modelo e jogador de futebol é mais fácil e financeiramente mais rentável. Esta influência está também fundamentada na constante priorização pela TV do corpo, sua perfeição e na necessidade de ser perfeito fisicamente e ter uma virilidade incontestável. Cria-se aí um certo conformismo, minando a possibilidade do que chamaríamos de uma escolha autêntica e comprometida com o outro.

Isso se acentua mais se pensarmos no sistema educacional brasileiro, que é reflexo de um sistema econômico desigual e injusto, principalmente no que concerne à oportunidades e ao conhecimento. Com uma escola fragmentada que visa um pensamento completamente abstrato. A tentativa de se distanciar dessa realidade triste e degradante do país foi solucionada através de bens materiais e cárceres privados como os carros blindados e os condomínios fechados. A escola passa, também, a ter essa função. Segundo Macedo e Kublikowski , (2009, p.695) “Desta

forma, a escola parece ser valorizada muito mais como um espaço social e de convívio do que como um espaço de aprendizagem formal e desenvolvimento pessoal.”

Ainda sobre a escola Bohoslavsky (1977, p52) afirma:

Torna-se óbvio mencionar a incidência que tem no problema da organização educacional. A educação nada mais é do que um meio para aderir a um papel ocupacional adulto. Receber a instrução, a formação e o enriquecimento necessários para exercer uma ocupação produtiva dentro da comunidade e deixar de ocupar um papel fundamentalmente receptivo, é a função primordial - nem sempre assumida - da educação sistemática.

Desejo abordar jovens economicamente privilegiados, pois eles gozam de uma certa facilidade em relação às suas opções, suas oportunidades e possibilidades de escolha, mas principalmente porque entendo que em uma sociedade injusta e desigual, como é o caso do nosso país, cabe a toda a sociedade e a ela também cumprir a função de transformação da realidade. Uma vez que ela, na maioria das vezes, está no topo da organização hierárquica do nosso país e do mundo.

Além disso, por não terem dificuldades financeiras, tais alunos podem ter dedicação e empenho total ao estudo, pois, em sua maioria, têm o apoio financeiro dos pais. Ou seja, eles não precisam trabalhar e estudar. Por gozarem de uma situação mais confortável, eles também têm acesso a cursos extracurriculares (como idiomas, danças, esporte, artes etc) e a viagens. Eles, então, podem tirar o proveito de tal conforto e de tal realidade para se apropriarem cada vez mais de diversos conhecimentos e de diferentes culturas.

Ademais, a escola particular tem no fato da mensalidade um grande empecilho, pois seu projeto está sempre determinado pela demanda dos pais dos alunos que por pagarem a mensalidade exigem um ensino de qualidade, que muitas vezes significa alcançar um grande índice de aprovação no vestibular. A escola então fica tolhida nas suas possibilidades e nos seus projetos educacionais, pois é sempre dependente da visão da família. Acaba por ter assim um modelo de conduta esquizofrênico, porque devem “obedecer” quem paga.

É importante destacar também que hoje em dia existe um desemprego crônico da sociedade neoliberal, que trouxe a exigência de retardar o ingresso dos jovens no mercado de trabalho e aumentar os requisitos para esse ingresso, o que era

respondido pelo aumento de tempo na escola. No entanto, esse retardo trouxe também uma sensação de vazio, o jovem não tem para onde ir, não reconhecido ele tem um estatuto de não existente. Pelas mudanças que vêm ocorrendo na sociedade em decorrência da globalização, as quais fazem emergir a relativização de valores e os consequentes problemas éticos e morais na sua escolha (Macedo e Kublikowski , 2009,p.690).

O trabalho é a forma mais eficaz de se inserir no mundo social, é com ele que se tem a sensação de ser útil, de ser reconhecido, de ganhar prestígio social e a de ter a tão sonhada liberdade financeira. A priorização da carreira está formando uma geração imediatista e individualista, onde o apoio da família, as relações sociais e até o cuidado com a aparência são instrumentos para a conquista do sucesso profissional.

A relação entre o consumo e o trabalho é de tal forma significativa, que muitas vezes, as pessoas nem se importam com o tipo de trabalho que elas vão exercer, desde que esteja garantido seu potencial de consumo. Ele passa a ser visto como um bem e a partir daí passa a perder o seu espaço de constituição e identidade.

É impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação -isto é, de que buscam poder, sucesso, riqueza para elas mesmas e os admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida. No entanto, ao formular qualquer juízo geral desse tipo, corremos o risco de esquecer o quão variados são o mundo humano e sua vida mental. Existem certos homens que não contam com a admiração de seus contemporâneos, embora a grandeza deles repouse em atributos e realizações completamente estranhos aos objetivos e aos ideais da multidão (FREUD 1930, P.73).

Cabe pensar também no campo da escolha profissional alguns questionamentos como o separar o “ser” de “fazer”. A profissão escolhida deve conter as duas reflexões, uma mais concreta e a outra mais abstrata. O “ser” deve ser pensado como algo fundamental, pois a escolha de um fazer no mundo já te coloca em uma posição de se apresentar a ele. Este futuro, apesar de iminente e muito pensado, é ainda um terreno muito desconhecido para o jovem que acaba de se formar.

Tratando-se de um adolescente, estará terminando o segundo grau e suas possibilidades de prever o futuro terão relação com o contato que teve com a instituição educacional de que provém.

Se fala em ingressar na universidade, teremos que considerar as características dessa instituição que, supostamente, vai prepará-lo para vincular-se à ordem institucional de produção (Bohoslavsky, 1977 p.51).

Nessa escolha o jovem mostra ou deveria mostrar uma preocupação com a sua própria pessoa, em relação ao seu futuro e em relação ao outro. Ele passa a pensar então em um futuro, futuro este cheio de incertezas e responsabilidades, a independência irá aumentando aos poucos. A escolha sempre vai trazer alguma frustração, pois o perder algo é automático uma vez que você deixa outras coisas de lado. Mais uma vez, cabe aí tanto o papel de amparo da família como também o da escola.

É fundamental analisar e entender o contexto social e cultural que os jovens vivem hoje, e para nossa pesquisa é essencial analisar as condições, os sofrimentos e os contextos dos jovens paulistanos de classe alta. É importante então, se discutir e se refletir neste trabalho quais são seus sonhos, suas exigências, seus medos, suas ansiedades, suas motivações, suas alegrias, seus prazeres e seus conflitos.

Porém esse papel fica ainda mais difícil quando se percebe um cenário mais individualista, essa é talvez a marca da sociedade contemporânea. Característica ainda mais acirrada em uma grande metrópole como São Paulo, onde a competição e o consumo são constantes. Sendo assim, para usar o termo cunhado por Guy Debord (1967), “A Sociedade do Espetáculo”, impõe subjetividades e forja modos de pensar, sentir e agir, sobretudo entre os jovens, segmento etário tido como o mais vulnerável aos apelos do individualismo.

A astúcia desses discursos está na auto-apresentação como realidade indiscutível, equivalente à própria verdade do sujeito e do seu objeto de gozo, ambos ordenados sob a lógica do capital e do lucro. Sua estratégia é propor aos sujeitos, submetidos à realidade posta (imposta), a suspensão dos dilemas éticos. Propõe uma política que prescinde da ética, que gera, para além do mal-estar, violências. Ressituar o sujeito e a ética como elementos indissociáveis aponta para uma política de resistência à instrumentalização social do gozo (Rosa; Carignat; Berta, 2005, p.36).

O jovem também sofre muitas pressões, diretas ou indiretas, do meio sócio-cultural, cujo vive. O sistema de valores sócio-cultural dita regras implícitas e explícitas quanto a quais profissões são consideradas fonte de status social e quais são vistas com preconceito. Além disso, é este contexto que determina, em grande medida, o tipo

de informação que recebemos – o que pode influenciar fortemente as escolhas realizadas.

É essencial aqui remeter ao conceito de uma escolha profissional autêntica que se caracteriza por ser uma escolha crítica e comprometida com o desejo do próprio sujeito. É um processo complexo que parte-se do "quem sou eu" para chegar ao "quem serei eu", ou seja, "o que quero vir a ser como sujeito no mundo" e "como posso contribuir para com meus semelhantes".

Ainda sobre este tema Pais afirma:

Actualmente, e muito embora ainda se considerem baixos os níveis de associativismo, activismo e participação política dos jovens, - apesar das possibilidades democraticamente instituídas de participação política - os «problemas» dos jovens universitários (e dos jovens em geral) são problemas principalmente remetidos para as dificuldades de inserção profissional, readquirindo cada vez mais relevo outros «problemas», associados ao consumo de droga, à delinquência, etc (1990, p.143).

A frase acima é importante, pois contextualiza o período histórico em que vivemos, suas singularidades e suas problemáticas para com a juventude. É um processo que vem ocorrendo e não deve ser culpabilizado por alguma instituição específica.

Problema de pesquisa

O objetivo deste trabalho é compreender como se dá a possibilidade de uma escolha autêntica entre jovens, que estejam estudando em um curso pré-vestibular e que sejam economicamente privilegiados. Como se articulam suas escolhas e como estes são influenciados. Cabe ressaltar também, que investigaremos se tal escolha

está associada a um comprometimento com o outro e em que lugar este outro se encontra no relato desses jovens.

Método

O estudo será feito no enfoque psicanalítico, por meio de uma pesquisa qualitativa, realizada de forma individual visando a escuta acerca das vivências e das experiências singulares de cada sujeito. O enfoque da entrevista incide na escuta acerca das escolhas e da vida de 2 jovens, tentando deixar a entrevista a mais aberta possível, para que assim os sujeitos possam ter maior liberdade nas suas respectivas cadeias associativas. Vale esclarecer que, tal estudo não visa a representatividade estatística.

Será levado em conta a história desses jovens, a relação destes com suas famílias e seus respectivos grupos de amigos, suas expectativas a respeito de tais escolhas e seu comprometimento / engajamento com a sociedade. Encontram-se aí dilemas que perpassam a esfera familiar, ética e social. Cabe ressaltar que a psicanálise entende o indivíduo como um sujeito bio-psico-social, não podendo haver separação entre estes.

Esta pesquisa não tem como caráter metodológico a quantidade e será realizada por meio de entrevistas individuais. Assim esta pesquisa será realizada por meio de uma entrevista aberta. Iniciaremos a entrevista com uma pergunta desencadeadora e todas as outras perguntas serão formuladas a partir da fala dos entrevistados. Ou seja, através de temas chaves que os próprios entrevistados falarão sobre o significado que eles atribuem a ética e a escolha profissional e o entrecruzar das duas. Evitaremos ao máximo intervenções pois acreditamos que desta maneira, eles mesmos criarão seus próprios significados e estarão mais aptos para dentro deste tema falarem livremente constituindo sozinhos sua linha de pensamento e por vezes até mesmo expressando sentimentos como angústias, frustrações e prazer.

Conforme já mencionado, os participantes desta pesquisa serão pré-vestibulandos, que estejam em cursos pré-preparatórios (cursinhos), entre 18 e 21 anos, economicamente privilegiados. Ressaltamos que a questão de gênero não será um critério para esta pesquisa. Todas entrevistas serão gravadas com o consentimento dos participantes.

Compreender o motivo e a finalidade desta futura escolha constituem assim, o conteúdo e o direcionamento da entrevista. Diante do relato do sujeito na entrevista, procuraremos o que é singular e particular, focando em seu discurso. Discurso este que é via de expressão das particularidades de cada sujeito, suas respectivas relações para com o mundo e para com as pessoas, suas expectativas, seus ideais, suas aspirações e principalmente de seus desejos. Tendo em vista que a psicanálise tem como objeto de estudos o sujeito dividido-marcado por aquilo que lhes escapa e que não pode controlar.

Salienta Rosa:

...que o inconsciente está presente como determinante nas mais variadas manifestações humanas, culturais e sociais. O sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende. A escuta busca, na linguagem, a articulação da libido e do simbólico (2004, p.342).

A autora explica que podemos encontrar tais conteúdos em atos cotidianos, e que a interpretação não está limitada somente as associações livres. É importante estar atento também para o significante que a ética e a responsabilidade social remete para cada entrevistado, compreendendo-se então, o caminho de pensamento do indivíduo, ou seja sua cadeia significante. Continua a autora, “isto significa que se pode trabalhar a partir da escuta psicanalítica de depoimentos e entrevistas, escolhidos em função do tema do pesquisador que, por sua vez, reconstrói sua questão nessa relação” (2004,p.5).

Tal método visa, então, uma interpretação e uma análise do que se foi dito durante o encontro e em como o entrevistado reagiu e se apropriou das respostas. Levando em conta a transferência que será estabelecida entre o entrevistador e o entrevistado, deve-se estar atento para não influenciar ou julgar a fala do sujeito, tendo em vista que esse não é o papel nem do analista e nem do pesquisador em questão. Deve-se estar atento para chistes, esquecimentos e repetição de certas palavras, nomes, idéias e temas, além disso, deve-se levar em conta a reação e a postura do entrevistado durante a entrevistas e diante do pesquisador, podendo ser também um importante fator para a análise. Tais elementos psicanalíticos são essenciais como ferramentas básicas para a elaboração da pesquisa. Sobre isso Turato diz:

Em investigações clínico-qualitativas, vivências devem ser apreendidas em situações específicas da vida dos entrevistados.

O instrumento de coleta terá que capturar isto com acurácia, de um modo a assumir que as manifestações estão revelando essas experiências, garantindo assim sua validade interna. Por estar na área das ciências humanas, a validade científica verifica-se na *plausibilidade* dos elementos apreendidos na intersubjetividade, haja vista que o objeto de estudo das humanidades, diferentemente das ciências exatas, é um ser humano tal como o pesquisador. Além disso, um dos critérios de validade das entrevistas não-dirigidas é o estabelecimento de uma *transferência positiva* entrevistado-pesquisador, de modo que ao ocorrer, o informante demonstra uma atitude de colaboração confiável, passando também a perseguir os objetivos da pesquisa (2006, p.7).

Todas entrevistas serão transcritas integralmente. Cada entrevista será analisada individualmente da seguinte forma: para cada entrevista transcrita criaremos focos temáticos que reúnam ideias semelhantes para em seguida, apresentarmos uma primeira compreensão destes focos; depois disto iniciaremos o trabalho interpretativo a partir do escopo teórico psicanalítico no qual já contempla a discussão dos resultados, o que trará uma maior integração de todos os focos temáticos.

(1-) A escolha profissional na contemporaneidade

As escolhas implicam em uma consciência a respeito de sua finalidade e de sua consequência. No que diz respeito a escolha profissional essas consequências e essas supostas finalidades estão muito distantes, o que dificulta ainda mais essa ação. Além do mais, tal escolha deve ser feita em uma etapa difícil e cheia de mudanças para a vida do adolescente, suas escolhas nesse momento tem muito mais peso e

importância que antes. Elas exigem uma maturidade e um discernimento que talvez o sujeito ainda não tenha. Nesse momento ele é obrigado a fazer uma escolha como nunca havia feito antes, com ou sem o suporte dos pais, o jovem tem que decidir quem quer ser e o que ele quer fazer. Cunha diz:

Aqui se deve situar novamente o sujeito do qual estamos falando. O adolescente se defronta com a possibilidade de assumir a gestão da própria identidade que irá, em sua maturidade, permear sua subjetividade e seus laços sociais. Neste processo, lidará com a desilusão da idéia completude e auto-suficiência que o colocará em contato com a necessidade do trabalho constante para equilibrar a solicitação dos desejos e sua inserção e aceitação no mundo social. O sujeito deve lidar, também, com o desencanto das figuras parentais como deuses capazes de protegê-lo e traçar seu destino (2008, p.42).

Até o momento desta escolha o jovem se encontrava em uma situação transitória, onde contava com a ajuda e o suporte dos pais, é como se ele transitasse entre a infância e a vida adulta. O término da escola é o término também de uma etapa, pois sua próxima escolha vai determinar o papel dele como sujeito e cidadão no mundo e na sociedade. E mais que isso vai colocá-lo em contato direto com a solicitação de seus desejos versus realidade. Como afirma Winnicott:

Este componente obriga o indivíduo a reformular os conceitos que tem a respeito de si mesmo, a abandonar a imagem infantil e a projetar-se no futuro de sua vida adulta. Deste modo, o adolescente estaria deixando sua condição de dependente dos pais e da família e se lançando na construção de si como adulto responsável. Todo esse processo seria vivido na e pela cultura e história. (2008, p.26 apud Cunha)

Entendemos que “a construção de si como adulto responsável” demanda do indivíduo muita reflexão e maturidade, exige que o jovem se implique de fato com esta escolha. Porém será que o jovem moderno tem as ferramentas necessárias para tal escolha, será que ele de fato está implicado com a sua escolha? E aí que cabe a indagação que é ilustrada por Bauman com uma metáfora. “Nossa escolha tem alguma importância? Em suma: na moldagem de nossas vidas, somos os tacos, seus portadores ou as bolas de bilhar? Somos jogadores ou somos jogados (2008, p.134).”

Sabemos que a escolha esta relacionada ao grau de liberdade que cada individuo possui em sua vida. Poderíamos pensar em jovens de classes económicas

mais desfavorecidas perguntando qual é o grau de liberdade que eles têm em relação a sua escolha profissional. Sobre isto Khel discorre:

Um homem no estado de necessidade está absolutamente condicionado a ter que prover os meios da sua subsistência. Isso é tudo o que ele consegue fazer. Enquanto ele não conseguir prover os meios da sua subsistência, a sua liberdade não é exercida. Ele não exerce a sua liberdade de cidadão, não exerce a sua liberdade criativa e não exerce a sua liberdade política, porque só tem uma tarefa que o escraviza, ainda que ninguém o esteja escravizando diretamente: a necessidade de comer, de se abrigar e de prover a sobrevivência dos seus (2002, p.2).

Por outro lado, levando em conta o “adolescente economicamente privilegiado” poderíamos dizer que devido a sua ampla possibilidade de recursos, de tempo e de conhecimento ele estaria mais “livre” e informado para fazer uma escolha mais implicada com os seus desejos e com a sociedade no geral. Já que suas necessidades básicas de subsistência já estão garantidas, ele tem um leque de opções maior. Sobre isso Bauman discorre:

Felizmente para os consumidores com recursos, estes os garantem contra consequências desagradáveis como a mercantilização. Podem descartar as posses que não mais querem com a mesma facilidade com que podem adquirir as que desejam. Estão protegidos contra o rápido envelhecimento e contra a obsolescência planejada dos desejos e sua satisfação transitória (2008, p.104).

(1-1) A ética e o coletivo no mundo descartável

No entanto, essa grande gama de oportunidades pode ser uma faca de dois gumes, pois o indivíduo fica perdido diante de tantas escolhas atraentes. Isso pode desencadear uma grande insegurança e até mesmo uma passividade total diante do leque de opções e de riscos. Às vezes é melhor não escolher nada, pois desta maneira não se corre o risco de se frustrar. Sobre o processo de escolha dentro de uma sociedade que viabiliza tantas tentações e possibilidades Bauman diz:

Em suma: a mobilidade e a flexibilidade da identificação que caracterizam a vida do “ir às compras” não são tanto veículos de emancipação quanto instrumentos de redistribuição das liberdades.

São por isso bênçãos mistas- tanto tentadoras e desejadas quanto repulsivas e temidas, e despertam os sentimentos mais contraditórios. São valores altamente ambivalentes que tendem a gerar reações incoerentes e quase neuróticas (2008, p.106).

Poderíamos perguntar até onde essa escolha, na verdade, é vista com a finalidade e a expectativa de lucro, sucesso, conforto, notoriedade e aplauso público? O que indago, então, é o que motiva o jovem a querer ser mecânico ou administrador de empresa? Será que ele realmente se tornou como diz Cunha acima “um adulto responsável” ou ele quer ser apenas um adulto “reconhecido e respeitado (e/ou temido)”? Qual será o ideal de indivíduo que ele tem para si, será o seu próprio ou será o que querem que ele se torne? Cabe então pensar no conceito de conformidade e ética. Segundo Bauman:

“A obediência à demanda ética na linha de seguir uma ordem pelo medo de sanções punitivas que recairiam sobre o desobediente não seria a ação moral pretendida pela demanda ética. Conformidade não é moralidade, mesmo que em resposta a uma ordem de fazer determinado bem. Não existe um “deve” na moral - nada de ordens nem coerção; as ações morais são intrinsecamente escolhas livres, expressões da liberdade de ação do eu (seres humanos não-livres- se essa contradição em termos fosse plausível- não seriam “seres mortais”). Paradoxalmente (ou nem tanto), seguir as demandas éticas significa esquecer seu poder coercitivo. Seguir as demandas éticas significa ser guiado unicamente pelo bem do Outro (2008,p. 138).

Introduzi o termo ética, pois a noção de responsabilidade tange também uma responsabilidade para e com o Outro. Sendo assim, em termos de escolha, a ética deve ser “pesada” e pensada, quer dizer, significa que a minha ação no mundo poderia se pautar na relação com o coletivo e no convívio e não somente no bem-estar individual. No entanto, visto que a sociedade moderna valoriza a ganância, a competitividade e a auto-realização, este processo reflexivo fica cada vez mais difícil. Cunha discorre sobre este momento da sociedade e aponta suas possíveis consequências:

Em busca do que se aponta para caracterizar o momento contemporâneo, ora chamada de pós-modernidade, ora de modernidade, encontrei: carreirismo feroz e sem ética, a pressão desmedida para o consumismo, busca frenética pelo hedonismo,

globalização; a desigualdade social; a redução da razão humana a modos de pensamento puramente instrumentais, a mercadorização da cultura sob a forma da indústria cultural, e a submissão dos interesses humanos a prioridades econômicas. Estas características levam às novas configurações de adoecimento, tais como: manifestação das paixões pelo risco, indivíduo se confronta fisicamente com o mundo, tenta alcançar marcas, se esforçar por ter nas mãos uma realidade que lhe escapa ou, ainda, tendência à compulsão, à repetição e ao masoquismo (2008, p.37).

Ainda sobre isso, Bauman, caracteriza nossa época como uma Modernidade Líquida, da qual as escolhas são intermináveis e infinitas, independente de serem reais ou não. As opções e as tentações são infinitas e novamente aqui o sujeito é colocado como eterno consumidor e isso vira o valor em si mesmo. Assim as escolhas são feitas através do seu apelo superficial, da sua aparência e menos pelo seu conteúdo. Isso se estende para todas as áreas da vida, até mesmo nas relações humanas e o que acontece é a vida como uma eterna “vitrine”. A expectativa de se escolher se tornou mais importante do que a coisa em si escolhida.

É a própria corrida que entusiasma, e, por mais cansativa que seja, a pista é um lugar mais agradável que a linha de chegada. É a essa situação que se aplica o provérbio segundo o qual “viajar com esperança é melhor do que chegar”. A chegada, o fim definitivo de toda escolha, parece muito mais tediosa e consideravelmente mais assustadora do que a perspectiva de que as escolhas de amanhã anulem as de hoje. Só o desejar é desejável – quase nunca sua satisfação (2000, p.103).

O sujeito contemporâneo se encontra frente a promessa de uma satisfação plena, que obviamente nunca será total, e é na tentativa de pretender negar essa realidade, que ele consome freneticamente, sem deixar o espaço, o intervalo, para que se produza o vazio, a ausência, a falta e assim o sujeito. Sujeito esse que, pode se dizer e que não está completamente alienado em um discurso massificado, homogêneo e totalizador.

Ainda acerca disso, Bauman diz:

O trabalho perdeu a centralidade que se lhe atribuía na galáxia dos valores dominantes na era da modernidade sólida e do capitalismo pesado. O trabalho não pode mais oferecer o eixo seguro em torno do qual envolver e fixar auto definições, identidades e projetos de vida.

Nem pode ser concebido com facilidade como fundamento ético da sociedade, ou como eixo ético da vida individual (p.60).

Dentro dessa perspectiva até mesmo as relações humanas passam a ser meros objetos de consumo. As pessoas não têm mais paciência de construir e produzir redes de significações e afetos, tudo é rápido demais, efêmero demais, competitivo demais, indeterminado demais para se confiar e para se perder tempo com alguém que pode ser substituível.

Condições econômicas e sociais precárias treinam homens e mulheres (ou os fazem aprender pelo caminho mais difícil) a perceber o mundo como um contêiner cheio de objetos descartáveis, objetos para uma só utilização; o mundo inteiro-inclusive outros seres humanos (p.186).

(1-2) As relações pautadas pelo consumo

Diante disso as pessoas se sentem ameaçadas, colecionar 800 amigos no facebook sim, mas ter um vínculo forte com 10 não. Tudo dá muito trabalho, é muito complicado, é muito passageiro e logo perde a graça. Manter relações demanda compromisso e lealdade e esses são valores que para muitos também se tornou efêmero. “Viver leve” e “viver o agora” são as duas grandes premissas da modernidade, nada e ninguém pode atrapalhar os movimentos e a busca da “sua” felicidade. Felizes são aqueles que conquistaram a fama, que são bonitos e belos e ademais milionários e trabalhadores, além de tudo eles têm a família perfeita. Bauman diz:

Em outras palavras, laços e parcerias tendem a ser vistos e tratados como coisas destinadas a serem consumidas, e não produzidas; estão sujeitas aos mesmos critérios de avaliação de todos os outros objetos de consumo. No mercado de consumo, os produtos duráveis são em geral oferecidos por um “período de teste”; a devolução do dinheiro é prometida se o comprador estiver menos que totalmente satisfeito (2000, p. 187).

O autor explicita acima o tipo de relação esperado pela modernidade, que se caracteriza por ser superficial e imediato. A sociedade é formada por estranhos que, eventualmente, encontram-se; encontro este, sem continuidade e que termina da mesma forma que começou, não tem uma inscrição nem no passado e nem no futuro. Há uma tentativa de as pessoas tentarem se privar do envolvimento que poderia advir

de um encontro casual. Tornando, então, o consumidor isolado e assim deve se manter, pois é interesse do mercado que haja o consumidor e a mercadoria a ser consumida. Portanto, os laços e as parcerias tendem a ser vistos e tratados como mercadorias a serem consumidas e não produzidas. Assim como a durabilidade dos produtos no mercado- a velocidade com que eles se tornam obsoletos e devem ser trocados, assim como as mudanças na moda - refletem não só no social e na cultura, mas também nas relações entre as pessoas.

A presente versão “liquefeita”, “fluida”, dispersa, espalhada e desregulada da modernidade pode não implicar o divórcio e ruptura final da comunicação, mas anuncia o advento do capitalismo leve e flutuante, marcado pelo desencajamento e enfraquecimento dos laços que prendem o capital ao trabalho (p.171).

A incerteza e a insegurança predominam também nos relacionamentos humanos e diante disso a solidão se intensifica e acaba sendo um mérito ser muito independente e seguro de si mesmo. “Ninguém nunca vai tirar a isso de você” é o que preza alguns livros de auto-ajuda, “pense sempre em você em primeiro lugar”, tais frases dão a impressão de que a única pessoa que você pode confiar é você mesmo e que as outras pessoas são meros obstáculos para a realização do seu objetivo, que é ser independente e auto-suficiente. Bauman discorre sobre isso dizendo:

Os medos, ansiedades e angústias contemporâneos são feitos para serem sofridos em solidão. Não se somam, não se acumulam numa “causa comum”, não têm endereço específico, e muito menos óbvio. Isso priva as posições de solidariedade de seu status antigo de táticas racionais e sugere uma estratégia de vida muito diferente da que levou ao estabelecimento das organizações militantes em defesa da classe trabalhadora (2000, p. 170).

Cada vez mais, os indivíduos estão deixando de lado ideais que visam ao bem comum, para ir em busca de uma incessante e idealizada busca de prazer. Torna-se então, uma obsessão que mais para frente se caracteriza como uma queixa de “um vazio interior”. O fracasso e a perda são praticamente insuportáveis e inadmissíveis para os indivíduos da modernidade.

Emoção demais atrapalha, para se conseguir o que quer, o principal é a razão e a lógica sempre pensando em si mesmo e nos benefícios que vão trazer para você. Tais idéias acabam por individualizar cada vez mais os indivíduos e fica mais difícil assim achar interesses em comum.

Em um artigo intitulado “Clientes Especiais” Kehl (2007) discute a questão dos jovens economicamente favorecidos se sentirem muitas vezes “sem limites” e “sem regras”. O poder do dinheiro traz muitas vezes junto com ele a prepotência e a arrogância e os valores transmitidos, às vezes, são esquecidos em detrimento disso. Em um mundo governado pela regra do consumismo quem pode pagar pode tudo. Esse passa a ser o valor principal que muitas vezes é transmitido pelos pais que tem seus filhos como ideais. Sobre isso Kehl diz:

Olham o mundo pela ótica dos direitos do consumidor: se eu pago, eu compro. Entendem seus direitos (mas nunca seus deveres) pela lógica da vida privada, como fizeram as elites portuguesas desde a colonização. Quem disse que os jovens não lhes obedecem? Obedecem direitinho. Param em fila dupla, jogam lixo nas ruas, humilham os empregados – igualzinho a seus pais (p. 2).

Neste mesmo artigo ela ilustra essa idéia com uma propaganda de tênis (que tem seu público alvo jovens) intitulada “no limits” e de novo ela critica a lógica do “pago logo posso”. Uma educação sem limites e regras pode ocasionar em violência desmedida e insensibilidade perante ao outro, criando um cenário pouco solidário. E aí o herói é quem chacina os bandidos e quem passa por cima de tudo e de quem for para “subir na vida”.(dois exemplos de filmes atuais para ilustrar tais heróis são “Tropa de Elite” e seu herói Capitão Nascimento e o criador e arqui milionário do “Facebook- a rede social”). A meta é o dinheiro e o dinheiro é poder.

Ocorre que a palavra de ordem que organiza nossa sociedade dita de consumo (onde todos são chamados, mas poucos os escolhidos) é: você pode. Você merece. Não há limites pra você, cliente especial. Que o apelo ao narcisismo mais infantil vise mobilizar apenas a vontade de comprar objetos, não impede que narcisismo e infantilidade governem a atitude de cada um diante de seus semelhantes – principalmente quando o tal semelhante faz obstáculo ao imperativo do gozo. O que queriam os rapazes que espancaram Sirlei? Um celular usado? Um trocado para comprar mais um papel? Descontar a insegurança sexual? No limits, diz um anúncio de tênis. Ou de cigarro, tanto faz. E os meninos obedecem. No fundo, são rapazes muito obedientes. Se a ordem é passar dos limites, pode contar com eles (2007, p.1).

Ou seja, são os próprios pais que estão ensinando tal comportamento a seus filhos, seja quando a mãe para seu carro em fila dupla ou o pai quando “resolve o

probleminha” da multa deixando um dinheirinho na mão do policial. Mas esses mesmos pais nunca entendem o que fizeram de errado, afinal eles deram tudo para os filhos. Eles nunca entendem porque seus filhos desrespeitam e agridem os professores ou não se esforçam para nada. Ainda sobre isso Kehl aponta:

Os pais das famílias de classe média andam preocupados com a falta de ética na conduta dos adolescentes. Temem as más influências dos “maloqueiros” do bairro – mas não percebem que os piores exemplos de irresponsabilidade e falta de educação provém da própria elite nacional, acostumada a conviver com uma série de práticas ilegais, de maior ou menor gravidade. Uma parte da classe dirigente brasileira considera que a lei só serve para enquadrar os outros. A lei é para os manés. Os espertos e os privilegiados sabem como se colocar acima, ou à margem dela. “Quem tem trinta contos de réis no Brasil não vai para a cadeia”, dizia Lampião (2004, p.4).

O que proponho, então, neste trabalho é pensar na relação entre o discurso dos jovens de elite implicados em um sujeito cidadão diante de um mundo caracterizado pelo gozo e pelo ideal de consumo e sucesso. Como eles pensam a ética e onde está o Outro na escolha deles. Ou seja, que papel o resto da sociedade tem para eles. Sobre isso Birman diz:

Este questionamento nos coloca inevitavelmente diante da nossa participação e cumplicidade na barbaridade das práticas sociais em que nos inserimos, explicitando a perversidade presente na distribuição real dos prazeres, dos desejos e dos gozos no campo social brasileiro. Enfim, este questionamento indica decisivamente que o que está em pauta para nós não é apenas um problema da ordem da filantropia, para os pobres e para os desvalidos do território da brasilidade, mas a modalidade de cidadania que construímos no Brasil e a forma como nos constituímos historicamente como sujeitos (1994, p 172).

Penso na psicanálise como método de investigação, pois considero que a análise visa responsabilizar e implicar o sujeito diante das suas escolhas, tornando - o assim mais ciente de suas ações e menos alienado de suas escolhas. Devemos sim lembrar do sujeito do desejo, mas sujeito esse que deve visar responder a uma demanda própria e particular e não aos imperativos e aos ditames da nossa sociedade de consumo. Sobre a publicidade Kehl (2009) diz:

Publicidade convoca os sujeitos a apostar em sua onipotência. O sujeito das "culturas do narcisismo" no dizer de Christopher Lasch, adaptado às condições desejantes das grandes sociedades de mercado (independente de suas condições materiais), acredita que tem uma espécie de direito natural ao desfrute de todos os bens que a publicidade lhe oferece ou, pior ainda, acredita que tem uma espécie de dever de desfrutar deles. No discurso publicitário, evidentemente, o dever de gozar suplanta toda interdição ao gozo que funda as sociedades humanas - suplanta até mesmo a dimensão fundamental do Princípio de Realidade, que nos ensina que nenhum desfrute é possível sem um adiamento inicial, seguido de um certo investimento de, digamos, trabalho físico ou mental (p. 1).

(1-3) Articulando o conceito de Arendt sobre a ação

Quando Kehl diz “nenhum desfrute é possível sem um adiamento inicial, seguido se um certo investimento” , remeto essa idéia ao conceito de obra para Hannah Arendt, que discute o conceito de trabalho, obra e ação. Sendo que ação é o mais importante deles no sentido da importância da ação do indivíduo no mundo e para o mundo. E o conceito de ação que cria algo de imortal, que vai além da própria existência do indivíduo e é deixado para o coletivo, é na ação que existe o espaço público comum a todos, sobre isso Arendt diz:

Sem essa transcendência em uma potencial imortalidade terrena, nenhuma política, no sentido restrito do termo, nenhum mundo comum nem domínio público são possíveis. Pois, diferentemente do bem comum tal como o cristianismo o concebia - a salvação da própria alma como interesse comum a todos -, o mundo comum é aquilo que adentramos ao nascer e que deixamos para trás quando morremos. Transcende a duração de nossa vida tanto no passado quanto no futuro, preexistia à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência nele. É isso o que temos em comum não só com aqueles que vivem conosco, mas também com aqueles que aqui estiveram antes e com aqueles que virão depois de nós. Mas esse mundo comum só pode sobreviver ao vir e ir das gerações na medida em que aparece em público. É a publicidade do domínio público que pode absorver e fazer brilhar por séculos tudo que os homens venham a querer preservar da ruína natural do tempo (1958, p. 67).

Ou seja, quando pensamos em um sujeito implicado para e com o mundo, pensamos em uma ideia de “herança” de “continuidade” que está para além da superficialidade terrena e momentânea, estar implicado significa ser responsável e consciente das nossas ações para com outros indivíduos, para e com o coletivo. No entanto, como já discutimos acima, nosso mundo é caracterizado por uma fluidez, da qual tudo e todos são descartáveis e consumidos. Não é a ética ao outro que impera e sim a ética do consumo que elimina a esfera pública e enaltece a esfera privada. Ainda sobre isso Arendt diz:

Mas, o que quer que o futuro nos reserve, o processo de alienação do mundo, desencadeado pela expropriação e caracterizado por um crescimento cada vez maior da riqueza, pode assumir proporções ainda mais radicais somente se lhe for permitido seguir a lei que lhe é inerente. Pois os homens não podem se tornar cidadãos dos seus países, e homens sociais não podem ser donos coletivos do modo como os homens que têm um lar e uma família são donos de sua propriedade privada. A ascensão da sociedade trouxe consigo o declínio simultâneo dos domínios público e privado. Mas o eclipse de um mundo público comum, tão crucial para a formação do homem de massa desamparado e tão perigoso na formação da mentalidade sem-mundo dos modernos movimentos ideológicos de massas, começou com a perda, muito mais tangível, da posse privada de uma parte do mundo (p. 320).

Sendo assim, podemos entender que a ação, segundo Hannah Arendt, é a característica do “Homem” na condição de “Homem”, característica esta que tem o poder de fazer com que ele se integre à esfera pública, de fazer com que ele revele quem ele é, o que ele pensa e dê a ele a oportunidade de criar novos projetos, dos quais podem ou não ser potencialmente eternos. É na ação que ele deixa de ser “escravo das necessidades” para finalmente ser livre. É pois, agindo que o Homem entra no espaço político e público. Ou seja, a própria ação pode ser entendida como liberdade, mas ela só é possível se o mundo propicie um espaço adequado para isso. No entanto, o que temos visto é uma alienação do homem perante ele mesmo. Sobre isso Arendt comenta:

A evidência histórica mostra que os homens modernos não foram arremessados de volta a este mundo, mas para dentro de si mesmos, enquanto distinto da alma, do homem ou da pessoa em geral, uma tentativa de reduzir todas as experiências, tanto com o

mundo como com outros seres humanos, a experiências entre o homem e ele mesmo (p. 316).

Entendemos, então, que a psicanálise vem nos ajudar a pensar em um sujeito caracterizado por seus desejos e constituído somente a partir de um “Outro”. O sujeito da psicanálise corresponde a um sujeito do desejo, mas como podemos pensar em um sujeito tal, se atualmente o sujeito se acha perdido em um discurso que tem a predominância do consumo e mercantilização das coisas e das relações? Birman (1994) diz:

A concepção psicanalítica de sujeito implicou no seu *descentramento* inicial do campo da consciência e posteriormente do campo do eu, remetendo pois o sujeito para o registro do inconsciente. Com isso, o sujeito do desejo é o sujeito do inconsciente, fundado no Outro e nas pulsões. Desta maneira, o sujeito se funda nas regulações simbólica e económica, sendo marcado pois pela *alteridade* e pelos impasses da regulação pulsional (p.167).

Ainda sobre isso Birman diz:

Assim, a constituição do circuito do desejo e da experiência originária da satisfação implica necessariamente que o Outro reconheceu simbolicamente o proto-sujeito como um efetivo *projeto de sujeito*... Portanto, tanto para Freud quanto para Lacan não seria possível se pensar na constituição do sujeito do desejo, sem que o Outro possa não apenas antecipar como também prefigurar o sujeito do desejo, que ainda não se constituiu (p.171).

Aqui podemos pensar a alteridade não só como necessária para a constituição do sujeito do desejo, mas também como prática. Prática esta que conduz da diferença à soma nas relações interpessoais, sendo possível assim exercer a cidadania. A noção de cidadania se tornou, assim, imprescindível para o estabelecimento de um sujeito do desejo. Ainda, sobre isso Birman (1994) diz:

Assim para que o sujeito do desejo se estabelecesse no horizonte histórico, necessário foi que a cidadania tivesse se instituído para a individualidade. A *barbárie* ficaria então nos limites social e da ordem política, nas suas formas mais diversificadas: a violência, a criminalidade, a loucura etc. Entretanto, trata-se das duas faces da mesma problemática, pois a construção das figuras do cidadão e do civilizado, tinha como contrapartida e fundo a articulação das figuras do bárbaro e do não civilizado (p. 167).

Ou seja, o Outro não pode ser somente fonte de gozo, pois sendo assim ele não reconhece a sua inscrição na cadeia simbólica da dívida e da falta. Sem esse reconhecimento o sujeito não pode reconhecer a dimensão de alteridade que lhe funda e que lhe faz a falta. Ou seja, tentará de todas as maneiras tamponar essa possibilidade, deixando de entrar em contato com o Outro e com a sua consequente e irremediável frustração. Sobre isso Birman (1994) discute:

Com isso, pode pretender tamponar a falta, usando para tal o corpo do outro como objeto para a volúpia do seu gozo. Desta maneira, visa preencher freneticamente o seu vazio. Enfim, nos encontramos aqui decisivamente nos limites da perversidade, pela impossibilidade estrutural do sujeito no reconhecimento simbólico da alteridade (p. 172).

Cabe, então, nos questionar as maneiras e as possibilidades que temos em nossa sociedade para a construção de subjetividades e de cidadãos. Além disso cabe também nos questionarmos se os jovens, particularmente os que estão no topo hierárquico, não estão sendo “absorvidos” na sua maneira de ser e pensar por um discurso dominante e um ideal massificado que deixa pouco espaço para o convívio entre outros e entre “diferentes”. Dentro de uma dita sociedade perversa, da qual o Outro é só objeto de gozo e não de relação, construção, engajamento, convívio e soma. Alienados em ideais que são efêmeros e individualistas perdemos também a nossa efetividade e liberdade de ação perante o mundo, nos tornando assim seres conformistas e cronificando uma situação onde não nos encontramos envergonhados, nem responsabilizados e muito menos engajados. Sobre isso Brazil (1994) diz:

Poderíamos iniciar um comentário sobre a questão de cidadania e psicanálise, neste momento crítico que estamos vivendo, com esta frase retirada da melhor retórica lacaniana: “É certo que aguentar a miséria (do mundo) é entrar no discurso que a condiciona, nem que seja na qualidade de protestar contra ela” (Televisão, p 20). Esta frase pode ser lida como dizendo que todos nós estamos implicados na miséria do mundo, e, se não invoca necessariamente um peso de culpabilidade depressiva que nos levaria à inação, a um refúgio narcisista ou de retraimento esquizóide, certamente exige um mínimo de resposta que podemos referir ao valor da denúncia de um protesto indignado (p. 181).

É necessário assim, pensarmos na escolha profissional como um momento onde se delineia também ditames éticos e políticos e que dizem respeito sim a um

sujeito, sujeito esse que está em um mundo e que pode ser um agente de transformação do que o choca, do que considera injusto, cruel e desigual. Cabe então, pensarmos tal escolha como algo responsável e implicado para com os desejos do sujeito frente a um discurso que é próprio dele e não dos pais, da publicidade, da televisão e mesmo da escola. Brazil diz:

Este valor de solidariedade- uma das virtudes menos difundida em qualquer sociedade pragmática que glorifica o sucesso da realização individual- é um desses valores que se associa ao descentramento do indivíduo, e implica uma sensibilidade em relação não só a existência dos outros, realizando uma destituição narcísica parcial que seja, mas também o reconhecimento da múltipla determinação e mútua dependência em um contexto social e é, no mínimo, um valor prioritário da decisão política (p 184).

Resultados

Foco do entrevistado 1

Abaixo apresentamos os focos temáticos na seguinte ordem: em itálico a fala do entrevistado e abaixo a primeira compreensão do pesquisador.

A minha mãe ela estava fazendo pedagogia e quando ela estudava eu acabava ajudando ela e tal, via os textos e tal. Era uma coisa que eu achava muito parada, eu queria uma coisa mais dinâmica, que tivesse mais abertura, aí eu achei publicidade.

Aqui ela diz de uma vontade que ela tem de fazer algo mais ativo, talvez ela diga do ato de criar. Ela parece ter tido um contato com a pedagogia através de sua mãe que estava cursando tal curso e sua experiência parece ter sido um pouco monótona, pois talvez se resumisse somente a leitura de textos e não a área prática.

Perguntava mais como era o curso, a grade e aí eu pesquisava, por exemplo, aonde eu poderia trabalhar. Não era muito um foco de onde eu queria trabalhar com publicidade, não era isso, eu não sabia falar.

Podemos perceber uma certa confusão e até mesmo uma contradição nesta fala. Ela parecia estar insegura em relação ao que responder, primeiro ela diz que pesquisava onde ela poderia trabalhar se fizesse publicidade para logo depois ela dizer que não era isso, que não era um foco de onde ela gostaria de trabalhar.

Então eu toco desde os 8 anos, comecei com clarinete, mas daí eu parei porque a gente tocava com uma banda, eu e meu pai, e só tinha gente velha, então não tinha tanta vontade. Aí não quis mais, daí quando tinha 15,16 anos, me deu a louca e eu quis tocar violão, fiz um ano, mas eu sempre gostei mais de instrumento de sopro né!? Aí eu falei para o meu pai “quero um sax”, daí ele me deu de natal e eu comecei as aulas. Eu adoro!

Nessa fala, me parece que o instrumento musical também era uma ligação com o seu pai. É algo que ela tem em comum com ele. É algo também que ele incentiva e, pelo que podemos inferir, até mesmo admira. Ele que deu o sax para ela.

Assim eu gosto de tocar e tal, mas é mais um hobby, toco quando eu to com vontade, quando eu preciso. Eu não queria levar como profissão, gosto mais para me divertir, relaxar.

Tocar algum instrumento, pelo que podemos ver em sua fala, tem a ver com uma aproximação com o pai. Quando ela coloca a questão de “só ter gente velha”, ela diz que não se reconhecia e se identificava naquele ambiente, “por que não têm pessoas da minha idade” ela é a diferente, o instrumento não foi uma forma de encontrar pessoas com o mesmo interesse, pessoas que estavam começando também e sim acabou sendo uma atividade que aproximava ela de pessoas mais. Talvez seja por

isso, que quando ela tinha 15, 16 anos ela tenha optado mudar de instrumento, violão é uma coisa que remete mais à socialização e a juventude. Provavelmente o clarinete era um instrumento que foi apresentado e incentivado pelo pai, já o violão era um desejo autêntico dela, para depois ela escolher o sax, que é um instrumento que poucas pessoas tocam.

Tem muita coisa né!? Deixa eu pensar... Difícil essa pergunta rsrs! (momento de silêncio)

-Pode ser a coisa mais banal, mas que com a sua profissão você acha que consegue transformar de alguma maneira.

Ah eu acho assim, hoje em dia a geração de jovens está muito fútil eu acho que isso acaba sendo influência da mídia. E propaganda tem muita influência também. Então não sei, acho que seria mudar a geração de como ela está hoje. Assim os princípios, eu acho a TV, as redes sociais influenciam muito na formação da jovem, então, eu acho que nessa parte de mudar essa futilidade, de colocar valores que, eu acho, que hoje a sociedade perdeu.

-Como quais? De alguns exemplos.

Falta de respeito, mesmo pela família, valorizar até mesmo a relação do sexo, do amor. Virou tudo muito banalizado entendeu!? Pontuar que realmente é importante, que não é só zoeira, não sei...

Em relação a essas frases, podemos perceber um discurso crítico em relação a sua atual geração, mas pouco implicado e responsabilizado. Quando indagada a respeito do que ela gostaria de mudar no mundo, A. Parece não saber responder, fato que nos leva a crer que não foi um critério de escolha para a sua atuação futura como profissional, sua ação no mundo e com os outros.

Outro fato curioso é o de ela falar que a publicidade influencia muito essa geração e essa atual futilidade e superficialidade, porém quando perguntada mais para frente não parece saber ao certo como acontece essa influência. Os mecanismos sedutores da propaganda e prejudiciais parecem ser distantes do senso crítico dela. Sua fala é contraditória, pois ela diz que a publicidade influencia muito os jovens, porém e a partir deste meio de comunicação que ela quer “mudar” os valores dos jovens. Tal fala é um pouco perigosa, no sentido de poder cair em um julgamento moralizante da situação.

Quando lhe é solicitado para nomear os valores que ela acha que a juventude perdeu, ela nomeia valores da ordem relacional como família e namorado. Assim, podemos identificar que aqui ela já começa a esboçar uma ética em relação ao outro, porém é um outro que a afeta diretamente e não aquele que está fora do seu campo de contato. Além disso, pela forma que ela constrói o seu pensamento, me parece que ela não sabe como a sua profissão poderia contribuir para isso, parecendo, na verdade, ser algo mais prejudicial do que benéfico.

Assim eu acho que tem um ponto que influencia sim, mas como a gente estava conversando na aula esses dias você não obriga ninguém a comprar alguma coisa se ela não quiser. Uma pessoa que tem uma opinião formada, que saiba de verdade o que ela precisa. Que nem vai um exemplo, antes estava muito na moda sopa em lata e para o consumidor brasileiro não deu certo. A propaganda pode influenciar na sua primeira compra, mas depois você decide se vai comprar de novo ou não, você sabe o que você realmente quer. Por isso, não é totalmente influenciadora. Esta parte de mudar uma sociedade para o lado... A propaganda faz você fazer isso ou aquilo, mas ela pode te influenciar para o lado ruim e para o lado bom.

Aqui ela usa um exemplo de um professor, que parece já ter discutido essa questão. Ela parece ter uma resposta bastante pronta para isso, o que nos faz pensar que ela mesmo já se indagou a respeito disso. No entanto, por ela usar a fala do professor essa explicação fica um pouco distante da sua própria percepção, dificultando uma crítica implicada a respeito.

Podemos pensar que o que ela quer dizer a respeito do exemplo dado, é que a escolha é do indivíduo e de que a propaganda pode influenciar, mas a palavra final é a dele. Ao mesmo tempo em que ela admite que a propaganda influencia, ela diz que “você não obriga ninguém a comprar alguma coisa se ela não quiser”.

Em um primeiro momento ela parece admitir um sujeito que tem plena noção e clareza do que ele quer e do que ele procura, no entanto ao concluir sua frase, ela novamente admite que a propaganda pode te influenciar a fazer algo sim, “A propaganda faz você fazer isso ou aquilo, mas ela pode te influenciar para o lado ruim e para o lado bom”. Ela chega até mesmo a usar a palavra boa e ruim, chegando a enunciar que não te influencia somente no seu ato de consumir, mas pode muitas vezes te influenciar no ato de agir, de pensar e até mesmo de ser. Nos parece aqui, que o exemplo da sopa

dado acima, não se sustenta para A., pois não é só no ato da escolha e sim em um âmbito muito maior que a publicidade pode influenciar.

De um lado ruim, por exemplo, as propagandas de bebida alcoólica, elas passam que se você bebe, você esta bem, você é da galera, mas não, as propagandas ensinam também os menores a beber. Pode ver hoje em dia, os jovens começam a beber com 13, 14 anos. Esse eu acho lado ruim da propaganda. Mas aí eu acho que outras coisas influenciam também a criação, a família, os amigos, não só a propaganda entendeu!? Agora um lado bom seria propaganda para doar órgão, propagandas solidárias, que acabam comovendo as pessoas.

Novamente ela se contradiz com o exemplo da sopa dado acima, pois aqui ela deixa claro que a publicidade não é algo que é o sujeito que escolhe e decide, ela começa a falar de como a publicidade cria valores e identidades e que o produto não é só ele em si, mas toda ideia e o conceito que se traz com ele. Ao usar o exemplo das propagandas da bebida alcoólica ela deixa claro que existe um conceito junto com o produto, apelando para o consumidor em potencial e fazendo ele acreditar que ele será mais “feliz” se consumir o produto. Tal manipulação, ao ver dela, é o “lado ruim da propaganda”. O lado bom, segundo ela, seriam propagandas “para doar órgão, propagandas solidárias, que acabam comovendo as pessoas.

Ah não sei, eu acho que eu sempre pensei bastante nessa questão do Outro, eu sempre gostei dessas coisas solidárias. Mas acho que foi mais por mim mesmo, não foi com o intuito de ajudar. Acho que foi mais com a questão de me identificar com a profissão.

Quando perguntada se ela levou em conta o Outro em sua escolha profissional, ela responde o que está acima. Primeiro ela se identifica com isso, dizendo que sempre gostou “dessas coisas solidárias”, mas me parece que essa ideia ficou um pouco vaga para ela mesma. Quando ela diz “coisas solidárias” é como se ela banalizasse um pouco essa questão, na verdade ela relaciona o pensar no Outro em uma coisa segregada da sua vida particular.

Quando mais a frente ela diz “mas acho que foi mais por mim mesma “ não entendemos se isso tem a ver com as “coisas solidárias” ou se tem a ver com a sua escolha profissional. A frase pode se aplicar para os dois casos já que mais para frente

ela diz “não foi com o intuito de ajudar. Acho que foi mais com a questão de me identificar com a profissão”. Novamente o “ajudar” fica com um sentido duplo, podendo ser entendido tanto como que as “coisas solidárias” não foram para ajudar, como em relação aos motivos da sua escolha profissional. Porém a última frase fecha seu raciocínio e ela diz que a questão do Outro, na verdade, não pesou em sua escolha. Podemos inferir aqui então que tal escolha tenha um caráter mais individualista e particular dela, porém desse particular ela ainda não sabe como responder.

- E você acha que teve algum peso a questão da remuneração? Pesou o fato de ter um mercado de trabalho grande para essa área?

“Pensei, a questão do mercado de trabalho não foi a mais importante, tipo publicitário ganhar mal ou ganhar bem não foi o que pesou. Mas não foi o mais importante. Foi mais por causa da área e do curso em geral.”

Nessa frase ela faz muita negação e acaba se contradizendo nas frases. Por exemplo, quando ela diz que não pesou o fato da remuneração, ela logo após diz “mas não foi o mais importante”. Essas duas frases se contradizem, porque se ela diz que não foi o mais importante é que, na verdade, a questão da remuneração pesou, ou teve alguma importância quando ela fez a sua escolha. Ao contrário não teria acrescentado a frase seguinte. Segundo a psicanálise, dependendo de como as frases forem construídas, a negação representa algo que desejamos, mas sabemos pouco a respeito disso, nesse caso se tirássemos o “não” teríamos que na verdade a questão da remuneração pesou em sua escolha.

- Quando você pensou em publicidade e você se imaginou no futuro o que mais você se imaginou fazendo?

Todo mundo quer ser bem sucedido né!? Ninguém quer passar necessidade. Mas acho que trabalhar em uma agência grande, forte essas coisas que todo mundo quer.

Novamente A se contradiz, pois acima ela diz que a questão da remuneração não pesou na escolha dele, mas logo em seguida em resposta a outra pergunta, muita mais ampla aliás, ela diz que no futuro ela se imagina sendo uma pessoas bem sucedida. Mas como ser um pessoa bem sucedida e não pesar a questão da remuneração?! E aí, que ela se contradiz novamente, pois ela diz que quer trabalhar em uma empresa grande, forte e logo depois ela novamente não se implica em seu

desejo e diz “essas coisas que todo mundo quer”. Aqui entra a questão do status social, que diz respeito a uma posição que o sujeito ocupa na sociedade, que lhe dá notabilidade e reconhecimento, não somente pelo que ele faz, mas especialmente pela posição social que ele ocupa.

Nesse sentido, podemos entender porque ela não optou por outras profissões, que tinha maior interesse, como pedagogia ou algo ligado à música. De alguma forma, seu desejo está mais ligado a um imperativo de fora, que está ligado a uma ideia de “sucesso”, do que com algo que fale propriamente de algo particular dela, de um ideal ou de uma idéia. Dessa maneira ela mesma está afastada de um auto conhecimento, pois esta respeitando um ideal que massificado pela sociedade sem se perguntar e criticar à respeito. Ela se entrega quando diz que gostaria de “trabalhar em uma empresa grande e forte”, ou seja, em uma multinacional, pois para fazer parte de uma empresa dessas você deve passar por inúmeros processos seletivos com um grande número de pessoas que estão competindo pela mesma vaga e ao passar nos testes e trabalhar na empresa você, de imediato, é alguém muito bem capacitado e tem um conhecimento acima dos demais.

- O que você entende por ser uma pessoa bem sucedida?

Eu não quero ser uma pessoa milionária, mas quero ser bem, colocar meus filhos na escola, ter um carro cada. Essas coisas normais.

Se analisarmos essa fala e a fala de cima, encontramos uma contradição. Quando ela diz “essas coisas que todo mundo quer” e “essas coisas normais”, nós não sabemos se ela tenta colocar um desejo que é próprio seu, no desejo da maioria ou se ela deseja o que a maioria deseja. Das duas formas, parece haver um distanciamento em relação ao desejo em si, pois ela tenta justificar através de outras pessoas algo que é particular dela ou não. Sendo assim, existe um desejo em sua fala que é comum para as duas hipóteses, que é o fato de ela querer se identificar com a maioria, pois segundo ela o que a maioria quer é o normal. Então podemos inferir que existe um desejo dela de querer ser normal e que para isso ela tem que seguir a maioria, seja se for uma justificativa para o que ela quer como sendo uma coisa imposta de fora que ela tem que se relacionar.

Quando ela diz que “quer ser bem” ela diz o que é ser bem para a sua camada social, ela chega até mesmo a colocar isso como “o suficiente”, porém depois ela diz “um carro para cada”. Ela coloca na ordem do material o “ser bem” e deixa de lado outros

benefícios que o dinheiro traz conhecimento, educação, saúde, lazer e bem – estar. Chega a ser curioso ela ter escolhido o fato de “ter um carro cada” para explicar o que é ser uma pessoas bem sucedida para ela. Ser bem sucedida para ela é algo que é explicado pela ordem do material e não pela ordem da satisfação, do engajamento ou mesmo da importância do seu trabalho.

- Manter o seu padrão de hoje em dia?

É acho que sim.

A propaganda de carro, por exemplo, é mais para pessoas que possuem uma renda maior. Mas já no caso de propaganda de celular, hoje em dia tem muitos planos baratos e tal. A classe baixa acaba se incluindo em certos produtos. Sei lá, eu vejo isso, questão do celular, as vezes uma pessoa passa a vida inteira juntando dinheiro para comprar uma roupa de marca. Sei lá, eles acabam se incluindo, mesmo que não seja tanto quanto a classe média. E eu ainda acho que eles são mais influenciados.

Quando ela diz que a classe mais baixa “acaba se incluindo” ela presume uma ideia de que, na verdade, a propaganda exclui determinadas camadas sociais. O que de fato é verdade, pois quanto melhor a condição econômica mais poder de compra o indivíduo tem. No entanto, quando ela fala do termo incluir ela traz um conceito de normalidade e de um padrão que é regido por aqueles que têm mais dinheiro, e ela dá o exemplo da roupa de marca. No entanto, a grande questão é quando ela diz “ eu ainda acho que eles são mais influenciados”, porque nessa fala é como se ela afirmasse que quanto menos dinheiro você tem, mais alienado e passível de manipular você é. Ou seja, segundo ela quanto mais poder de compra mais consciente você é.

-Por quê?

Não porque a pessoa vai se deixar levar, mas por exemplo talvez por ela não ter uma opinião muito forte, muito estabelecida, ela acaba acreditando totalmente cegamente no que a propaganda passa, porque assim a propaganda tenta passar que é o melhor do produto e tal. Por exemplo quando a gente vê a propaganda de um carro, a gente sabe que a gente vai ter pagar IPVA e tudo mais, que também tem defeitos, a gente vai balancear se isso vai se adequar a nossa vida ou não. E se, por exemplo, você pegar uma pessoa de classe baixa, elas saberiam que não tem condições, mas elas acabam acreditando que o produto é perfeito. Não ter uma opinião mais forte.

-Eu não entendi o que você quis dizer, como a condição financeira de alguém pode influenciar tanto a sua escolha?

Eu vou dar um exemplo, propaganda política. O político vai lá, o Paulo Maluf por exemplo, e as pessoas por mais que tenha gente da classe média que vota nele e fala ele rouba mas faz. Mas principalmente as pessoas de classe mais baixa, elas não tem essa questão de querer saber se o cara foi bom, se ele roubou ou não, se o cara realmente ajudou ela, não só na hora da campanha. Então, eu acho, que é uma questão cultural, porque até mesmo as pessoas de classe alta não têm o costume de pesquisar os candidatos para saber o que eles fizeram, o que ele quer mudar, o que ele oferece, o que ele quer deixar igual, tipo qual é o passado dele. Eu acho que as pessoas vão e simplesmente votam, entendeu!? E eu acho que a propaganda política acaba influenciando muito nisso, acho que é muito forte com as pessoas de classe baixa elas vêm pela propaganda o que o cara fez e acreditam. Nessa questão de cultura acho que é diferente.

Aqui podemos identificar que existe uma fantasia da entrevistada de que as pessoas de classe baixa são muito mais influenciadas e manipuláveis, ao contrário das pessoas que tem mais condições financeiras. Podemos inferir, então, que A. Se identifica com a segunda camada, se colocando em um lugar onde sofre menos influências. Isso fica evidente quando ela usa o termo “a gente” e “eles”.

Para explicar melhor a sua maneira de pensar ela nos dá um exemplo usando o Paulo Maluf, o candidato que “rouba mas faz”. Nesse exemplo ela admite que a camada mais baixa tem menos informação a respeito do candidato e que por isso ela tem pouca crítica a respeito. No entanto, ela assume que as pessoas, que são de camada mais alta, têm mais acesso a informação e por isso são pessoas com mais críticas e menos alienadas, ou seja, são pessoas prudentes que nunca votariam em um candidato como o Paulo Maluf, pois eles têm conhecimento e informação a respeito.

Quando ela diz “eu acho que a propaganda política acaba influenciando muito nisso” ela está assumindo que a publicidade tem sim um poder de convencimento e manipulação muito forte, pois encobre realidades, omite dados e altera os fatos, ou seja ela mente, tudo a favor de quem paga. É como se fosse difícil delinear uma ética da publicidade, já ela é maleável segundo quem a compra. Quando indagada em relação á essa questão A responde:

Por exemplo têm algumas propagandas que eu não faria, como cigarro e cerveja. Eu sei que vai acabar piorando, não, é prejudicar o consumidor. Não é ganhar a qualquer

custo, eu acho que assim eu tenho meus princípios. Eu não faria uma propaganda de um político ladrão ou algum político que quer dominar a cabeça da pessoa, eu acho que isso eu não faria.

A partir dessa observação A. começa a delinear uma ética, começa a elaborar situações das quais ela não participaria por acreditar que tais coisas vão contra seus ideais e seus valores. Ela uso o exemplo de duas propagandas típicas, como cigarro e cerveja. Ambas, segundo ela, são prejudiciais ao indivíduo, pois tentam te convencer a consumir coisas que podem prejudicar sua saúde. E ademais ela diz que não quer ganhar a qualquer custo, pois tem seus princípios. Nessa mesma lógica ela diz que não faria a propaganda de “algum político que quer dominar a cabeça da pessoa”. Desta maneira ela começa a esboçar uma ética dentro da profissão que ela escolheu, não necessariamente uma ética que vai pensar em uma transformação, mas é uma ética que, da maneira dela, tenta não prejudicar o sujeito. A partir de tal elaboração eu pergunto:

- Então dentro da sua profissão você pretende seguir uma ética ou uma verdade?

Sim...

- E qual seria essa ética, ou essa verdade ou alguma virtude?

Essa questão de não querer sair sempre por cima, de querer ganhar a qualquer custo, não é por aí, entendeu!? A partir do momento que você pode prejudicar outras pessoas, você já perde totalmente o seu valor, até mesmo como profissional entendeu!?

A partir daí ela começa a elaborar algo mais objetivo e claro chegando a conclusão de que se você está tentando prejudicar alguém, “a partir daí você perde totalmente o seu valor, até mesmo como profissional entendeu!?”. É importante reparar que ela inclui o até mesmo para a questão da área profissional, como se houvesse algum tipo de separação entre a vida particular e a vida profissional. É curioso avaliar isso, pois é como se a vida profissional, ou seja o seu fazer no mundo, não estivesse em conjunto com o que você é de fato. É como se o sujeito não se constituísse a partir do que ele faz. Talvez isso manifeste um ideal contemporâneo da sociedade capitalista, onde o indivíduo deve competir com seus semelhantes mas até que isso não interfira no seu núcleo familiar. Ou seja, você pode ser um bom homem de família, mas ser um político corrupto, não importa, porque afinal você só deve compromisso e satisfação com

aqueles do seu sangue ou muito íntimos de você. É a respeito dessa divisão que eu pergunto para ela adiante ao que A responde.

Eu acho que anda tudo junto, porque eu acho uma questão de caráter. E se você tem caráter em uma , você também tem que ter na outra. Em uma relação familiar sem ser no trabalho é a mesma coisa de você estar no trabalho, tipo uma pessoa que esta do seu lado, mesmo que não seja sua amiga. Eu acho que é uma questão de caráter e tem que ter em todos os campos.

A entrevista A usa o conceito de caráter para responder tal questão, podemos pensar que sua definição mais simples aqui talvez seja de algo que tenha a ver com uma índole do indivíduo. Assim ela afirma que as ações de um indivíduo devem ser vistas em sua totalidade e não em partes separadas e fragmentadas, pois segundo ela toda a relação que você tem, diz de quem você é. Ou seja, você não precisa “ter caráter” somente com seus amigos, pois o caráter é algo que você não muda, é como se fosse a essência da pessoa.

Apesar de uma definição um pouco ingênua, ela delineia como deve ser ação das pessoas e que a ganância e ambição não estão acima de tudo. Deve-se ter respeito em todas as áreas com todas as pessoas. Tal fala por parecer muito ingênua pode se apresentar diferente na prática, pois se ela quer trabalhar em uma empresa grande e forte ela vai ter que competir com outras pessoas e tirar alguma vantagem sobre elas.

Ética de mostrar q tem uma ética? Mto ingênua, embrionária?

- Você acha importante as pessoas, ao escolherem as carreiras, pensarem também em uma transformação da sociedade? Ou você acha que isso é algo utópico?

Eu acho que se você não fizer uma coisa maior para a sociedade, você sempre acaba ajudando se você fizer um trabalho direito, um trabalho que não prejudique ninguém, que traga, que acrescente alguma coisa para as pessoas. Então mesmo se você não tem pretensão de ajudar a sociedade em um todo, você acaba ajudando.

Quando A. usa o conceito de “fazer um trabalho direito” ela quer dizer fazer “algo que não prejudique ninguém, que traga, que acrescente alguma coisa para as pessoas”. Novamente aqui podemos ver uma fala um pouco inocente e até mesmo um pouco conformista. O conceito de fazer direito nos parece um pouco vago e sem sentido. Sua fala traz uma idéia de que se trabalharmos, não importa com o quê, e fizermos as coisas certas nós estaremos indiretamente ajudando a sociedade em um todo, pois

estaremos cumprindo nossa tarefa e estaremos trabalhando. Ela coloca como se a “pretensão de ajudar a sociedade em um todo” não fosse um objetivo final, mas sim uma consequência quase indireta do trabalho bem feito de cada um. Ou seja, quando você trabalha, você já está ajudando a sociedade como um todo.

- Você acha importante as pessoas, ao escolherem as suas carreiras, pensarem também em uma transformação na sociedade? Ou você acha que isso é utópico?

Com certeza, eu acho que hoje em dia as pessoas estão muito preocupadas em ganhar dinheiro, o que elas vão ter de bom e não o que elas vão passar de bom para as pessoas. Com certeza acho que teria uma transformação.

Quando A. diz “as pessoas estão muito preocupadas em ganhar dinheiro, o que elas vão ter de bom e não o que elas vão passar de bom para as pessoas” ela assume que as pessoas deveriam pensar mais em o que elas vão passar de bom e ela assume isso como sendo a transformação citada na pergunta. Ela entende o conceito de transformação como algo da ordem da bondade e da caridade e não do agir e de se implicar. Ela acredita que as pessoas devem pensar sim mais no Outro, mas no sentido de “passar” coisas boas, tal conceito pode ser entendido como algo natural das coisas e não como algo do compromisso. E como se a bondade, segundo ela, fosse a sua ética e a sua transformação.

Resultados

Foco do entrevistado 2

Abaixo apresentamos os focos temáticos na seguinte ordem: em itálico a fala do entrevistado e abaixo a primeira compreensão do pesquisador.

“Porque eu sempre quis trabalhar em empresa, acho que é uma coisa do meu pai. Fui influenciado por ele, porque ele tem uma né!? Sei lá, acho que é uma coisa dinâmica,

um médico, por exemplo, ele só tem o consultório, só atende e não tem mais nada para fazer.”

“Ah em primeiro lugar, meu pai queria que eu fizesse direito. Mas eu fui convivendo com o que ele trabalhava, ele tem uma cerâmica daí eu fui observando. Só de ele ter a coisa dele, ele se ferra e ele se dá bem.”

A partir dessas duas falas podemos ver que G. diz ser influenciado pelo seu pai, ao conviver com ele vendo como era a sua rotina e o que ele fazia. O pai foi o referencial do filho. Nos parece aqui, que de certa forma ele quer dar continuidade a empresa do pai. O curioso é que ele já escolhe a profissão se baseando no fato de que ele fará a mesma coisa que o seu pai, que é o dono da empresa. Sua experiência com a administração foi a de que é uma coisa dinâmica, conceito que mais para frente ele vai desenvolver. Mas podemos entender dinâmica, como algo no sentido de fazer múltiplas tarefas de poder estar em qualquer lugar, do fato de você ser seu próprio dono e ser você quem toma as próprias decisões. E as consequências de tais escolhas são direcionadas para o próprio sujeito “ele se ferra e ele se dá bem.”

De alguma maneira te incomoda a ideia de trabalhar para os outros?

- Me incomoda a ideia de trabalhar 20 anos em uma empresa e poder ser demitido entendeu!? Você trabalha para empresa, trabalha que nem um louco e depois de um tempo eles te demitem. Se você é dono você pode ganhar um milhão por mês e quando estiver cansado sair da empresa.

Aqui é como se ele dissesse que se você for o dono da empresa, você é quem é o dono das suas ações, ou seja, não tem a vulnerabilidade que um empregado terá, pois ele pode sacrificar 20 anos da sua vida para “nada”. Você não assume um compromisso só com si mesmo, mas também com a empresa. Segundo G. se você está no topo, você tem mais liberdade, você pode parar de trabalhar quando você quiser, além de ele colocar ênfase na quantia do dinheiro, “um milhão por mês”. Ou seja, ele deixa claro aqui que não é só o fato de você fazer o que quer, mas o fato também de você ganhar muito dinheiro e por isso poder tomar as atitudes que você quiser.

“Se você trabalhar, fizer tudo certinho, trabalhar com as pessoas certas, as chances que você tem para a empresa dar certo são muito maiores.”

Essa frase pode ser entendida como algo quase da ordem causa e consequência, ou seja, se você fizer tudo certo, tudo ocorrerá bem e se você fizer tudo errado a empresa vai falir. É uma fala inocente, onde a questão do caráter da pessoa é o mais importante, ele não coloca no âmbito do conhecimento ou do saber e sim do “fazer tudo certinho, trabalhar com as pessoas certas”. São dois conceitos muito vagos.

- O que seria o “trabalhar direitinho”?

“Trabalhar e ficar até tal hora, até 8 horas. O jeito como você trata seus clientes, seus empregados, o jeito como você age com as pessoas. Não pode perder o respeito nunca com o cara que trabalha para você. O que acontece é que se ele não está trabalhando direito, você tem que dizer que ele tem que melhorar, tem que conversar. Se ele estiver fazendo um trabalho bem feito tem que falar também, não só com o empregado. Com o cliente você não pode brigar, é como ele quer entendeu?!”

Ele coloca tal questão como acatar ordens e regras e também como quantas horas diárias a pessoa vai trabalhar “Trabalhar e ficar até tal hora, até 8 horas”. Ele também entende o “trabalhar direitinho” como algo no campo do agir com o outro, tanto com os empregados como com os empregadores. Porém quando ele fala das pessoas que trabalham para a empresa, ele mede “as pessoas certas” pela eficácia e produtividade delas “O que acontece é que se ele não está trabalhando direito, você tem que dizer que ele tem que melhorar, tem que conversar. Se ele estiver fazendo um trabalho bem feito tem que falar também, não só com o empregado”. Ele diz que tem que respeitar, por isso ele dá o exemplo de ter que ir falar com o empregado que estiver indo mal, respeito no sentido de averiguar o que de fato acontece para ele estar produzindo pouco ou mesmo produzindo muito. Em relação ao cliente, ele coloca o respeito como algo da ordem da submissão “com o cliente você não pode brigar, é como ele quer entendeu?!”. Parecem que os dois conceitos de respeito são muito diferentes, porém os dois partem, ao nosso ver, de um interesse do próprio sujeito, de uma mesma finalidade.

-Você se considera uma pessoa ambiciosa?

Sim.

- Você escolheu isso porque você se considera muito ambicioso?

Desde o início eu vou querer fazer o que eu gosto, na verdade eu não sei trabalhar com o que eu gosto, eu só sei o que eu não gosto. Ainda não sei! Eu sei o que eu não gosto. Não tenho assim, uma ideia de que empresa eu gostaria de ter.

Quando perguntado se G. se considera ambicioso, ele responde afirmativamente. Logo depois eu pergunto se ele associa esse sentimento a sua escolha, ao que ele primeiramente tenta negar, mas ao longo do seu pensamento ele vai se confundindo até não saber mais a resposta. Primeiro ele diz que “Desde o início eu vou querer fazer o que eu gosto” e depois ele diz “eu só sei o que eu não gosto”. Ou seja, ele não sabe do que gosta e sim daquilo que não gosta, ele não sabe o que deve fazer, mas sabe o que não deve fazer. E depois ele quase se denuncia, por dizer que “Não tenho assim, uma ideia de que empresa eu gostaria de ter”, pois essa não foi a pergunta e quando ele diz isso, ele deixa escapar de que de um jeito ou de outro ele quer abrir uma empresa e é esse seu objetivo. Podemos relacionar tal ideia ao fato de isso ter influenciado ele na sua escolha profissional. Ou seja, ele escolheu fazer administração, porque ele deseja ter uma empresa.

- Mas você quer trabalhar mais com o quê? Em que área?

Quero administrar, sei lá qualquer coisa.

Aqui fica claro a compreensão que colocamos acima, pois ele escolheu essa profissão porque ele quer “administrar, sei lá qualquer coisa” e na verdade não sabe nem o que e nem onde, ele só sabe que quer administrar. Poderíamos pensar que o desejo de administrar pode estar encobrindo um outro sentido; o de ser bem sucedido.

-Porque você quis fazer ADM na Faap?

Eu passei na FAAP no meio do ano, então eu sabia que eu já tinha uma faculdade garantida, aí depois disso eu nem estudei nada, só para passar de ano. Aí o ano foi passando, eu já tinha passado na faculdade, já tinha passado de ano daí eu não estava muito afim de fazer cursinho e acabei fazendo FAAP mesmo. Esse é o problema eu já estava garantido. Se eu quisesse passar em outro lugar, eu teria que estudar muito. No final eu só prestei FAAP e ESPM. Não é garantia de nada fazer cursinho até o fim, ia ter que estudar muito, a FAAP já era uma garantia. Eu não estudei por falta de interesse

G. parece um pouco conformista e acomodado na sua posição, além disso ele só prestou faculdades privadas e com mensalidades muito caras. Além de não serem

faculdades muito concorridas e conhecidas pela sua excelência. G. passa na faculdade antes de acabar o ensino médio e por isso já tem uma garantia, segundo o que ele mesmo relata, ele perdeu ainda mais o interesse nos estudos depois que isso aconteceu “Eu não estudei por falta de interesse”. Porém podemos concluir que tal interesse estava no fato de que ele iria fazer faculdade ou não, não imposta qual fosse, a partir do momento que ele viu que já tinha isso seguro, ele se desinteressou pelo resto. O fato mais curioso é que ele diz “Não é garantia de nada fazer cursinho até o fim, ia ter que estudar muito, a FAAP já era uma garantia” ele diz isso sem nem ao menos ter tentado.

G. demonstrou em suas falas não ter gostado muito das escolas que estudou e então eu pergunto qual é a diferença entre a escola e a faculdade na opinião dele:

Mas qual você acha que é a diferença?

O jeito que você é tratado, você vai na aula só se você quer. Se você quiser largar tudo, você larga entendeu!? Vai ser mais uma opção minha, não vai ser alguém falando o que eu tenho que fazer ou não, eu escolhi o que eu tenho que fazer, vou fazer o que eu quero. Meu pai e minha mãe estão me dando essa oportunidade de fazer o que eu quero, e só isso conta muito. Eu escolhi fazer isso, quando as pessoas mandam as pessoas não fazem.

Por que você acha que te incomoda alguém mandando você fazer alguma coisa?

Mandar é uma coisa, obrigar é outra. Por exemplo, se a minha mãe me obrigasse a fazer cursinho, eu não ia fazer direito. Se eu falasse para a minha mãe, eu estou afim de fazer cursinho, daí é diferente está vindo de mim e não de outra pessoa. Se eu decido por mim mesmo é outra coisa.

Segundo G. a diferença entre a escola e a faculdade é que a segunda você escolheu e a primeira é imposta, segundo ele “quando as pessoas mandam as pessoas não fazem”, talvez seja por isso que ele acabou não estudando na escola. No entanto a ideia de desejo para G. não parece ser o que ele tenta explicar, na verdade, podemos inferir que o seu desejo é o desejo pela via do contrariar, saber do seu próprio desejo seja possível para G. somente negando e indo contra o que lhe é imposto. Ele mesmo disse acima que ele não sabe o que ele quer e sim o que ele não quer, indo por essa linha podemos pensar em tal hipótese. O curioso, no entanto, é que ele não coloca a diferença no fato de ele na faculdade poder fazer o que gosta, mas sim no fato de agora ele poder fazer o que quer, por exemplo, faltar na aula ou não.

Quando G. responde a segunda pergunta, a ideia do negar a vontade dos pais para assim encontrar a sua se confirma mais uma vez “se a minha mãe me obrigasse a fazer cursinho, eu não ia fazer direito”. A afirmação do seu desejo de baseia na de negar a da mãe.

Empresa é assim, mas sempre tem um jeito, se eu ajudo o cara ele vai trabalhar mais para mim.

- Quando você se refere as pessoas em termos inferiores, você admite que você é superior a ela. Você acha que por questão da superioridade, por questão do poder e do status isso te atrai?

A empresa para mim é justamente trabalhar para mim mesmo. Para eu mesmo poder tomar as minhas próprias decisões, tomar decisões é uma coisa, poder é outra. Não é porque o cara é inferior a mim na empresa, que eu vou ficar ordenando para ele, entendeu!? Você estava falando em inferior e superior, se o cara trabalha para mim a decisão que eu vou tomar é a melhor para todo mundo. A minha decisão vai ser a melhor para todo mundo. Eu não vejo desse modo, acho que é uma questão de tomar decisão independente de ter 2 ou 100 funcionários.

- Mas você tem o poder de tomar a decisão.

É, é um poder muito forte. Eu espero tomar a melhor decisão. Pode ser que sim, acho que é ter poder.

G. parece ser um pouco ingênuo ou não implicado com o que ele fala, pois primeiro ele diz “Empresa é assim, mas sempre tem um jeito, se eu ajudo o cara ele vai trabalhar mais para mim” e depois quando indagado a respeito da sua posição de superior aos demais, ele diz “Você estava falando em inferior e superior, se o cara trabalha para mim a decisão que eu vou tomar é a melhor para todo mundo”. Quando ele diz a primeira frase podemos inferir que ele esteja dizendo que se ele for bom para o cara que trabalhar para ele, mais o cara vai produzir e assim melhor para empresa. Ou seja, a finalidade não é a relação dele com o trabalhador mas sim a produtividade da empresa, que nesse caso seria dele. Já na segunda frase ele diz que faria o melhor para todos, mas o que seria esse “todos”, ele não fala mais da relação entre patrão-trabalhador e sim da empresa no geral. No começo ele parece negar a ideia de poder, porém mais tarde ele muda de ideia dizendo que tem sim a ver com poder “Pode ser que sim, acho que é ter poder”.

Além disso, ele parece um pouco convencido do fato que a opinião dele vai ser a melhor para todos, ou seja, ele sabe o que é melhor para a sua empresa e por mais que ele fale nas relações com as pessoas que trabalham lá, ele deixa claro que na verdade a empresa é dele e é ele quem toma as decisões e decide o que é feito.

- Você acredita que quanto mais você trabalhar mais você ganha? Tipo causa e consequência.

Acho que não. Tipo tem gente que trabalha 2 horas e não ganha nada e tem gente que trabalha 8 horas e ganha muito. Por exemplo o cara que montou o facebook... tá milionário agora.

- Como assim porque você pensou nele? O que você acha que ele teve para se destacar?

Ah eu acho que é criatividade, é ele ter pensado em algo que ninguém pensou antes...

- Mas, por exemplo, tem muitas pessoas que alegam que ele copiou e forjou algo que já existia. Então talvez tenha sido um processo, ele pegou ideias que já estavam na rede.

É, mas ele fez acontecer! Não adianta, o cara ter a ideia e não fazer, e aí se vai esperar o outro cara fazer!?

- Você acha que nesse processo todo, por exemplo, pelo que o filme retratou ele não passou por cima de ninguém?

Passou, passou! Para mim, eu falei que eu não sou ambicioso, eu não passaria por cima do meu melhor amigo como ele.

Curioso o fato de G. ter pensado no filme quando lhe pergunto sobre meritocracia, ainda mais por ser um filme que mostra um lado um pouco egocêntrico de Mark Zuckerberg. O filme na verdade discute até onde vai a ambição de um jovem, as possíveis mentiras e as possíveis pessoas prejudicadas no decorrer disso. É como se o protagonista fosse o ídolo de G. Quando eu pergunto se ele passou por cima de alguém, G. responde que sim e que ele nunca faria isso, no entanto ele diz “eu falei que eu não sou ambicioso, eu não passaria por cima do meu melhor amigo como ele”. No entanto, não foi isso que G. falou acima, na verdade, ele afirma que ele é ambicioso,

mesmo ele tendo como conceito que ambição “é passar por cima do melhor amigo”. Isso parece-nos um pouco intrigante.

Se você fizer as coisas direitinho vai dar marketing entendeu!? Tipo se vaziar alguma coisa e poluir o ambiente, vai sair no jornal e todo mundo vai saber, isso vai ser ruim para a empresa

Aqui G. se refere a um ética “do fazer tudo certinho”, porém quando ele explica essa ética vemos que não se refere a essa ideia e sim no fato de que vai ser ruim para a “reputação” da empresa se vaziar alguma coisa. Ético seria se ele estivesse preocupado com o ambiente e com as consequências que isso poderia trazer e não com a imagem que isso vai causar para a empresa. Ele parece seguir o que é correto, não por achar que é correto, mas porque as outras pessoas acham errado se ele não o fizer.

-O que existe no mundo que mais te incomoda?

Acho que o fato de uma pessoa não ser igual a outra.

Podemos inferir aqui que o fato de as pessoas não serem iguais incomoda G., pois por elas não serem iguais elas pensam e têm ideias diferentes. Durante a entrevista pudemos perceber o quanto ele não gosta de ser contrariado, por isso podemos inferir que o conceito de igual para ele parte dele mesmo como parâmetro. Ele parece encontrar uma dificuldade em aceitar que as pessoas pensem diferente dele.

- Você acha que pelo fato de você estar no topo hierárquico social do nosso país, você tem alguma responsabilidade a mais? Por exemplo de transformar alguma coisa?

Teoricamente eu acho, mas trabalhar já é o que você falou aí.

-Como?

-Ah sei lá, do jeito que você trata as pessoas e os seus empregados dentro da empresa.

Durante toda a entrevista G. pareceu se colocar sempre como o dono da empresa e nunca como o trabalhador. Por isso, podemos supor que sua opinião parte de uma

premissa que ele já está acima e de nunca se submeter a certas situações, como quando pergunto como ele acha que ele transformaria o país e ele diz que, através das relações com os seus trabalhadores, ou seja, me parece que ele evoca um conceito lá de cima, o de fazer “tudo direitinho” e “tratar as pessoas com respeito”. No entanto, novamente ele parece muito centrado na ideia de sua própria empresa, já que fazendo isso ela não vai mudar nada, pelo contrário só vai perpetuar um sistema de dono e empregado, de poder e submissão.

- Mas você vê uma diferença entre quem tem ou não?

Meu pai por exemplo, imagina se ele tivesse que trabalhar para poder pagar a própria faculdade, imagina ele ter que escolher entre trabalhar ou jogar bola.

G. parece colocar o trabalhar em uma ordem oposta ao prazer, quando ele diz essa frase ele parte da ideia que trabalhar é uma obrigação, uma necessidade e que se seu pai, como citado acima, só tivesse que trabalhar e não jogar bola isso seria terrível. Ou que ele só pode jogar bola porque ele já tem dinheiro e assim não precisa trabalhar tanto quanto os demais.

- Mas você entende que as condições básicas, como saúde, educação, moradia etc só são asseguradas através do dinheiro, como uma pessoa que não ganha nada vai ter condições de trabalhar se ela não consegue nem alimento para sobreviver?. Você, por exemplo, já tem tudo mais garantido.

Realmente eu acho que eu tenho tudo mais fácil, mas não garantido. Acho que essas coisas não deveriam depender da classe social, você paga imposto para o governo e o que você tem de volta!? Nada.

- Você como brasileiro não gostaria de transformar isso?

A questão é que para mudar isso, teria que ser uma coisa muito grande entendeu?!

Mas você não acha importante ter a coisa grande em mente? Ela que vai te guiar, por mais que seja uma utopia, você acredita nela entendeu?!

Acho que muita pouca gente pensa que nem você. É muito difícil conversar sobre essas coisas, não existe esse contato entre as pessoas e nem esse tipo de discussão.

G. parece pouco implicado com uma visão social e em uma ética para o Outro, podemos ver nessas falas que ele se desimplica com elegância das situações que ele é perguntado. Segundo ele tal visão cabe ao governo, pois pagamos impostos e o mínimo que ele pode fazer. E na última resposta ele nos dá uma dica que ele mesmo não se sente implicado e responsável por isso, pois ele diz “Acho que muita pouca gente pensa que nem você”. Ou seja, já que muita pouca gente pensa que nem eu ele também não pensa. O que todo mundo pensa para ele, na verdade é o que ele também pensa. Cabe aí pensar se ele colocou a opinião dele nos outros ou se ele se pauta na opinião da maioria. Das duas formas ele parece em uma posição conformista, pouco engajada e acrítica a respeito.

Discussão dos resultados

A partir dessas duas entrevistas podemos discutir como isso repercute em nosso tema de interesse, a ética. Os dois sujeitos parecem permanecer um pouco distantes de uma implicação com a sua escolha profissional, nos parece que foi uma escolha motivada por interesses próprios com pouca crítica a respeito e como uma ação que tem a finalidade de se tornarem bem sucedidos.

G. pareceu se identificar com a imagem de um homem bem – sucedido, que goza de um poder de escolha e de decisão, chegando muitas vezes a deixar claro que ele não gosta de ser submetido e que ele gosta de controlar as situações. Ao longo da entrevista ele tenta nos passar uma impressão de que não é do poder que ele gosta, mas sim da dita “liberdade” que um futuro administrador de empresas tem. Porém o que ele deixa claro em sua fala é que a liberdade para ele, na verdade, é adquirida através do dinheiro e não do trabalho. Sobre isso Arendt (1958) diz:

Nessas palavras fica evidente que a admiração pública e a recompensa monetária têm a mesma natureza e podem substituir uma à outra. A admiração pública é também algo a ser usado e consumido, e o status, como diríamos hoje, satisfaz uma necessidade como o alimento satisfaz outra: a admiração pública é consumida pela vaidade individual da mesma forma como o alimento é consumido pela fome (p.69).

Já A. parece não se identificar com a atividade da mãe, ela justifica isso através do seu desejo de fazer “algo ativo” e não “passivo. Sua mãe estudou pedagogia e Amanda relata que a ajudava ocasionalmente. Ela diz que gostava de pedagogia, mas acabou escolhendo publicidade, pois achava que a primeira era uma atividade muito passiva enquanto que a segunda era “mais ativa”. Sua justificativa nos parece um pouco inocente, pois pedagogia não pode ser visto necessariamente como algo passivo. Sendo assim, podemos inferir que tal impressão possa estar associada a uma idéia que a entrevistada tem de sua mãe propriamente dita e não da profissão em si. Podemos ainda supor que justamente por isso ela procurou um caminho para se diferenciar da mãe. Poderíamos pensar sobre relação mãe e filha D’Icarahy e Barros (2008) dizem:

Menino e menina têm a mãe como seu primeiro objeto de amor e desejo. No entanto, a menina, ao perceber a diferença sexual e constatar que algo lhe falta, afasta-se da mãe, com ódio, entra, assim, no Complexo de Édipo, passando a tomar o pai como objeto de amor e desejo. Essa mudança de objeto se dá acompanhada de intensa agressividade para com a mãe, já que fora ela quem lhe proporcionara os primeiros prazeres com a higiene corporal e depois, de modo geral, é a responsável pela repreensão à masturbação infantil (p.8).

Tanto G. como A. parecem saber pouco de suas próprias escolhas, principalmente em relação ao impacto social e coletivo que essas duas profissões tem. Quando faço perguntas que relacionam uma ética ao Outro com suas respectivas escolhas, os dois tendem a ter dificuldade em achar uma resposta, o que pode apontar para uma não indagação a esse respeito. G., principalmente, tem uma certa dificuldade para entender tal conceito, isso fica claro diante da fala: *“Se você fizer as coisas direitinho vai dar marketing entendeu!? Tipo se vazar alguma coisa e poluir o ambiente, vai sair no jornal e todo mundo vai saber, isso vai ser ruim para a empresa.”*

Nesta fala fica evidente que a preocupação de G. não é pelo estrago que a empresa pode causar no ambiente, mas sim a repercussão negativa que aquilo vai ter para a empresa, que pertence a ele no caso. Ou seja, ética do consumo e não uma ética do sujeito, sobre isso Kehl (1996) diz:

O sujeito onipotente da Cultura do Narcisismo vive um delírio semelhante ao que Freud descreveu como o estado psíquico regido pelo Princípio do Prazer: sem história, sem mediação de tempo e esforço entre desejar e obter, sem dívida para com nenhum passado, nenhuma instância paterna. É o self-made-man imaginário (como todo self-made-man), que se acredita sem outro compromisso a não ser com o próprio gozo, ao qual a mídia publicitária - ou a mídia em geral, já que toda mídia é pautada pelos imperativos da publicidade - apela incessantemente (p.3).

Ou seja, G. em sua fala não parece ter “uma dívida com mundo” no sentido de implica-lo como cidadão, se responsabilizando assim por suas ações, sua questão entra em outro lugar que é a do gozo do lucrar, do ter e de ser reconhecido. Não é o sujeito que pensa seus próprios valores e sim o imperativo do consumo que dita o que é certo o que é errado. A fala de G. pode ser entendida como “sem dívida para com nenhum passado”, mas é também sem dívida para nenhum futuro. A sociedade narcísica tende ao imediatismo sem se implicar no que de fato vai deixar de herança para os Outros que virão, é como se o mundo acabasse assim que eles morressem, então eles gozam e desfrutam de tudo sem pensar na ressonância e na repercussão de suas ações, a menos que afetem-os diretamente. Fica evidente aqui uma alienação de G. para com suas escolhas e decisões, fica difícil de se esboçar um sujeito cidadão. Sobre esse tema Birman diz:

A categoria de cidadania tem a ética como sendo o seu Outro, de forma que pensar nas condições de possibilidade da cidadania implica em enunciar os fundamentos éticos da política e da sociabilidade. É isso justamente que estes movimentos sociais procuram retirar do silêncio e do esquecimento, formulando a existência de relações essenciais entre os registros da ética e da cidadania (1994, p.163).

G. parece ter certeza que quer trabalhar em uma empresa, mas parece um pouco perdido quando perguntado sobre o porquê ou quais são as áreas que o interessa. Sendo assim, podemos entender a sua escolha como pautada por duas

finalidades, que se relacionam, poder e dinheiro. E tudo isso para ter o tão almejado status.

Assim como G., A. parece ter sido pega de surpresa quando perguntada sobre como sua profissão poderia contribuir para transformar o que a incomoda no mundo. No entanto, diferente de G., ela parece mais bem informada a respeito das diversas áreas da publicidade e da área de seu interesse. Porém quando perguntada como ela se via no futuro trabalhando ela responde “Todo mundo quer ser bem sucedido né!? Ninguém quer passar necessidade. Mas acho que trabalhar em uma agência grande, forte essas coisas que todo mundo quer.” Sobre isso Arendt já dizia :

O motivo pelo qual os cientistas podem falar da “vida” do átomo - no qual cada partícula tem, aparentemente, a “liberdade de comportar-se como quiser, e onde as leis que governam esses movimentos são as mesmas leis estatísticas que, segundo os cientistas sociais, governam o comportamento humano e fazem a multidão comportar-se como tem de se comportar, por mais “livre” em suas opções que pareça cada partícula individual -, o motivo, em outras palavras, pelo qual o comportamento da partícula infinitamente pequena é não apenas semelhante, em sua forma, ao sistema planetário, tal como aparece a nós, mas se assemelha às formas de vida e de comportamento na sociedade humana é, naturalmente, que observamos essa sociedade e vivemos nela como se estivéssemos tão longe de nossa própria existência humana como estamos do infinitamente pequeno e do imensamente grande, os quais, mesmo que pudessem ser percebidos pelos instrumentos mais refinados, estão demasiado afastados de nós para fazer parte de nossa experiência (1958 p. 404).

Quando A. diz “o que todo mundo quer”, podemos pensar que, o desejo dela precisa ser confirmado através do que a maioria quer e almeja, porém ao falar isso ela deixa de lado uma parte do próprio desejo dela que não precisa ser confirmada pela massa, afinal, a escolha é do próprio sujeito, tendo ele assim que se implicar nisso. O que queremos dizer é, não é só porque “todo mundo quer ser bem sucedido e trabalhar em uma empresa grande” que ela vai querer também, deve-se refletir sobre os motivos únicos daquela escolha para o próprio sujeito e não simplesmente aceitar um ideal de sucesso pautado pela sociedade. Pensando nisso é importante avaliar também os meios para o fim e não só os objetivos, talvez isso seja outra característica da nossa atual sociedade, sobre isso Bauman diz:

Nas novas circunstâncias, o mais provável é que a maior parte da vida humana e a maioria das vidas humanas consuma-se na agonia quanto á escolha de objetivos, e não na procura dos meios para os fins, que não exigem tanta reflexão. Ao contrário de seu antecessor, o capitalismo leve tende a ser obcecado por valores (2000, p. 73).

Podemos pensar que o objetivo dos jovens aqui em questão talvez seja o de ser bem – sucedido e ter status, entendemos então que a escolha profissional foi encarnado já como o objetivo disso e não como seu meio para um fim. Tal objetivo pode ser entendido também como uma imagem a respeito do que isso representa para a sociedade e a imagem que a mídia e a publicidade nos transmitem que é a felicidade, ou seja, ser bem – sucedido é ser feliz. Fica-nos assim uma imagem de que nada falta, não há ausência e sem isso não pode haver simbolização por parte do sujeito. Sobre isso Arendt diz:

Como se a vida individual realmente houvesse sido submersa no processo vital global da espécie e a única decisão ativa exigida do indivíduo fosse deixar-se levar, por assim dizer, abandonar a sua individualidade, as dores e as penas de viver ainda sentidas individualmente, e aquiescer a um tipo funcional, entorpecido e “tranquilizado” de comportamento (p. 403).

Ainda sobre isso Bauman diz:

Numa sociedade de indivíduos, cada um deve ser um indivíduo. A esse respeito, pelo menos, os membros dessa sociedade são tudo, menos indivíduos diferentes ou únicos. São, pelo contrário, estritamente semelhantes a todos os outros pela fato de terem de seguir a mesma estratégia de vida e usar símbolos comuns - comumente reconhecíveis e legíveis - para convencer os outros de que assim estão fazendo. Na questão da individualidade, não há escolha individual nem dilema do tipo “ser ou não ser” (2008, p.26).

Quando A. diz “Eu acho que se você não fizer uma coisa maior para a sociedade, você sempre acaba ajudando se você fizer um trabalho direito, um trabalho que não prejudique ninguém, que traga, que acrescente alguma coisa para as pessoas. Então mesmo se você não tem pretensão de ajudar a sociedade em um todo, você acaba ajudando.”

Assim como a fala de A. acima, G. nos parece passar uma imagem de pessoa “correta” ao dizer “Se você trabalhar, fizer tudo certinho, trabalhar com as pessoas

certas, as chances que você tem para a empresa dar certo são muito maiores”. Isto pode ter sido ocasionado pelo tema da pesquisa que tem a ver com a ética. G. pode ter falado isso, pois pensava que tal ética se tratava disso, fazer as coisas certas assim como A. Porém apesar dessa tentativa, G. acaba se revelando de uma outra forma, pois mesmo tal princípio tem a ver com um certo que é o “certo” para ele e mais ninguém. É diante dos exemplos que ele dá que fica mais evidente isso. Quando lhe é perguntado o que significa o “fazer as coisas certas” ele remete isso a uma idéia de produtividade tentando demonstrar isso como uma ideia de “cuidado” para com os clientes e com os empregados. Já A. presume que já estamos ajudando se fizermos tudo certo, porém ao nosso ver não necessariamente já que precisamos nos implicar para uma possível transformação. Nos parece que os dois tentam se desimplicar desse ideal de transformação através dessas falas. A respeito disso Bauman diz:

A mais pungente e menos respondível das questões dos nossos tempos de modernidade líquida não é “o que fazer?” (para tornar o mundo melhor ou mais feliz), mas “quem vai fazê-lo (2000, p. 153)?

É como se nessas falas ficasse presumido que eles não irão fazer e nem transformar nada, mesmo se sentindo incomodados com algumas coisas, o que os incomoda eles não vão mudar pois, para eles, já há alguém fazendo isso. Pois é essa eterna espera de que alguém possa mudar o que eles acham “errado” ou “injusto” que caracteriza a nossa sociedade narcísica. A culpa é sempre do outro, é do estado e da ONG e dos juízes enfim menos a dele que não tem nada a ver com isso. Ou seja, a pessoa vê tudo se passando a sua frente, crítica, mas não se implica, não se coloca em um lugar ativo de cidadão e de sujeito no mundo. É na ação que se transforma e não somente na caridade, que pode na verdade cronificar por exemplo, a situação de desigualdade do nosso país. Pois, segundo Kehl, as coisas que nos incomodam nos causam culpa, mas não vergonha.

A nossa sociedade privilegia muito a culpa, baseada na nossa tradição cristã, e, ao contrário de algumas sociedades indígenas e de algumas sociedades não-cristãs, não se importa muito com a questão da vergonha. Aquilo que acontece com o meu semelhante em uma cidade da qual eu participo pode não ser culpa minha, mas me envergonha. Tenho a impressão, então, de que a Psicologia deveria começar a trabalhar um pouco com essa idéia da vergonha, a vergonha que tem a ver com a nossa participação no espaço público, com a nossa imagem pública e com os nossos ideais, para que possamos

construir uma sociedade de inclusão. Enquanto houver um excluído, essa inclusão não deve nos satisfazer (p.2, 2008).

A partir dessa fala de A.:

“Ah não sei, eu acho que eu sempre pensei bastante nessa questão do Outro, eu sempre gostei dessas coisas solidárias. Mas acho que foi mais por mim mesmo, não foi com o intuito de ajudar. Acho que foi mais com a questão de me identificar com a profissão.”

Podemos perceber que se delineia alguma ética endereçada a um outro, mas é a ética que responde a uma culpa e não a uma implicação direta no social e no coletivo. Com essa ação o sujeito somente se alivia da culpa doando algo ou sendo voluntário, não estamos desprezando tais ações, porém novamente a ética que discutimos aqui pretende outro rumo e outra implicação para com o coletivo. Quando ela diz “Mas acho que foi mais por mim mesmo, não foi com o intuito de ajudar”, ela mesma diz que ao pensar sobre sua escolha profissional ela não pesou o fato de como tal atividade poderia ajudar a diminuir as injustiças que ela enxerga no mundo. Nos parece aliás, que ela tem uma idéia ingênua a respeito da publicidade e que ela não estava ciente dos poderes de controle e alienação que tal meio pode conter.

Tenta definir sua ética a partir dessa frase.

“Essa questão de não querer sair sempre por cima, de querer ganhar a qualquer custo, não é por aí, entendeu!? A partir do momento que você pode prejudicar outras pessoas, você já perde totalmente o seu valor, até mesmo como profissional entendeu!?”

O que seria, então, para ela prejudicar pessoas? Talvez ela tenha respondido tal conceito nessa fala:

“eu acho que hoje em dia as pessoas estão muito preocupadas em ganhar dinheiro, o que elas vão ter de bom e não o que elas vão passar de bom para as pessoas”

Ela diz que as pessoas devem se preocupar menos com “o que elas vão ter de bom” e mais com “o que elas vão passar de bom para as pessoas”. Ou seja, A. acredita que passar coisas boas já seja uma transformação, podemos pensar a respeito de sua escolha profissional que é a publicidade e ter em mente na transmissão de informações, influências e produtos que tal área “passa para o outro”. Ao longo da entrevista ela foi tentando encontrar maneiras de a publicidade não ser só a “venda de produtos”, mas também a transmissão de informações (como quando ela

dá os exemplos das propagandas solidárias) e a partir disso ela resume “tais valores” como passar coisas boas, como propagandas de doar sangue, ou doar dinheiro etc. No entanto, nos parece ser uma visão muito ingênua a respeito da indústria publicitária, já que ela deve responder a uma demanda de lucro e venda da empresa que a contrata, ela não está interessada em veicular valores ou “passar coisas boas” a menos que ela seja paga por isso e isso não pode ser uma ética da propaganda, já que ela é maleável conforme o seu contratante. Ou seja, fica-se quase impossível de se pensar em uma ética ao Outro da publicidade. Sobre isso Bauman (2000) diz:

Em suma: a mobilidade e a flexibilidade da identificação que caracterizam a vida do “ir às compras” não são tantos veículos de *emancipação* quanto instrumentos de *redistribuição das liberdades*. São por isso bênçãos mistas - tanto tentadoras e desejadas quanto repulsivas e temidas, e despertam os sentimentos mais contraditórios. São valores altamente ambivalentes que tendem a gerar reações incoerentes e quase neuróticas. Como diz Yves Michaud, filósofo da Sorbonne, “com o excesso de oportunidades, crescem as ameaças de desestruturação, fragmentação e desarticulação”. A tarefa de auto-identificação tem efeitos colaterais altamente destrutivos; torna-se o foco de conflitos e dispara energias mutuamente incompatíveis. Como a tarefa compartilhada por todos tem que ser realizada por cada um sob condições inteiramente diferentes, divide as situações humanas e induz à competição mais ríspida, em vez de unificar uma condição humana inclinada a gerar cooperação e solidariedade (p. 106).

Retomando o que G. fala do cuidado, podemos entender esta tentativa é como um esboço de uma ética, mas não é a ética em si, por não estar direcionada para o outro e sim para o próprio sujeito da ação. Ou seja, é uma forma de fazer o que é certo aos olhos dos outros e não para o Outro em questão. Isso fica claro quando G. diz “Empresa é assim, mas sempre tem um jeito, se eu ajudo o cara ele vai trabalhar mais para mim”. Aqui fica claro como se dá o pensamento do entrevistado, ele não renúncia ao seu próprio narcisismo, já que ele possui uma necessidade de aprovação e admiração de outras pessoas em excesso. Sobre isso Nasio diz:

O objetivo consistirá em fazer-se amar pelo outro, em agradá-lo para reconquistar seu amor; mas isso só pode ser

feito através da satisfação de certas exigências, as do ideal de eu. Esse conceito designa, em Freud, as representações culturais e sociais, os imperativos éticos tal como são transmitidos pelos pais (1988, p. 51).

É importante levar em conta que diante do momento que estamos vivendo esse comportamento é comum, já que se tornou o imperativo da nossa sociedade contemporânea, capitalista. Há um predomínio do uso da imagem em vez da reflexão para lidar com a ansiedade e um incentivo exagerado ao consumismo e ao culto ao corpo.

O ideal de eu corresponde, como vimos, a um conjunto de traços simbólicos implicados pela linguagem, pela sociedade e pelas leis. Esses traços são introjetados e fazem mediação na relação dual imaginária: o sujeito encontra um lugar para si num ponto -o ideal de eu- de onde se vê como passível de ser amado, na medida em que se satisfaçam certas exigências (1988, p.61).

Diante das falas de G. fica-nos evidente que ele tem dificuldades de lidar com críticas e que ele tem a necessidade de estar no poder (ou no comando) para se sentir valorizado e admirado. O único desejo que ele consegue falar a respeito é o fato de ele querer ter uma empresa. Ele parece saber tão pouco a respeito de si mesmo que, ele mesmo diz “eu sei do que eu não gosto, mas não sei do que eu gosto”. Ele tenta assim encontrar no ideal de eu da nossa sociedade contemporânea a resposta para isso sem se implicar diretamente com o que isso significa e com a sua ação no mundo. Quando pensamos no conceito de liberdade e democracia não devemos deixar de fora a atuação política, pois é essa que transforma e cria, é fora da esfera individual que podemos contribuir para com o mundo em que vivemos e assim imprimir nossas marcas, sobre isso Kehl (2002) diz:

A liberdade, então, seria a liberdade de participação política que implica a possibilidade de interferir na esfera pública e produzir, com discurso e com ação, modificações nesse espaço coletivo do qual a nossa própria humanidade depende (p. 3).

Podemos ver nas falas de G. que ele enxerga o outro através dele mesmo, suas ações parecem ser voltadas para os outros e para uma ética, mas quando ele explica o porquê de sua ação entendemos, e talvez nem ele mesmo saiba, que tem a

ver como uma satisfação do desejo dele. Ele usa o outro para a sua satisfação, seja o empregado, o cliente ou o marketing. Sobre isso Arendt diz:

Teoricamente, o ponto de inflexão da insistência sobre a vida “egoísta” do indivíduo, nos primeiros estágios da era moderna, para a ênfase posterior na vida “social” e no “homem socializado” (Marx), ocorreu quando Marx transformou a noção mais grosseira da economia clássica – de que todos os homens, na medida em que agem de algum modo, agem por razões de interesse próprio - em forças de interesse que informam, movimentam e dirigem as classes da sociedade, e mediante seus conflitos dirigem a sociedade como um todo. A humanidade socializada é aquele estado da sociedade no qual impera somente um interesse, e o sujeito desse interesse são as classes ou o gênero humano, mas não o homem nem os homens (p. 402).

Nessa frase Arendt deixa claro que quando o outro é usado e explorado para o próprio benefício do sujeito, ele então tem seu potencial de ser humano perdido e é tratado como mercadoria e não como um sujeito dotado de capacidades e emoção. Quando G. assume, talvez até de uma forma ingênua, que segundo ele “A minha decisão vai ser a melhor para todo mundo”, ele perde a subjetividade de cada indivíduo e se petrifica em uma posição autoritária e arrogante.

Quando indagado sobre quais são as coisas que lhe incomodam no mundo G. parece ser bem superficial e sucinto “Acho que o fato de uma pessoa não ser igual a outra”, mais uma vez ele se revela, pois o fato de as pessoas não serem iguais remete a uma ideia de elas não serem iguais a “ele” e não diz de uma questão de classe social como transparece ser no primeiro momento. Podemos entender isso como mais um forte traço narcísico, quando perguntado como ele acha que poderia mudar esta situação, G. desvencilha-se da pergunta dizendo ser muito difícil e que poucas pessoas pensam como a entrevistadora. Isso pode revelar um não engajamento de G. com o que se sucede ao seu entorno, sendo a mudança e a transformação destinadas a outras pessoas que não ele, pois nos parece que ele está confortável nessa posição.

Assim podemos identificar que existe um certo distanciamento da parte dos dois jovens para com um Outro e com o seu ser no Mundo. Apesar de os dois terem escolhidos carreiras diferentes, nos parece que a motivação e o objetivo foram os mesmos, o de status e de “serem reconhecidos perante a sociedade” seja trabalhando em uma empresa grande, seja sendo dono dessa empresa. No entanto, indagamos se os jovens não acabam sendo representados através das imagens da publicidade e da

indústria do show-business, pois eles acabam se identificando com tais imagens e isso resulta em suas próprias “vozes”. Desta maneira, até mesmo a imagem do adolescente bem sucedido e feliz pode ser consumido por quem tem condições. Os jovens são os mais afetados, no que diz respeito ao imperativo do gozo que a nossa cultura lança sobre eles, afinal eles já personificam o ideal da vitalidade, beleza e longevidade. Se torna, então muito difícil de distanciá-los de certos padrões que foram “fabricados” fora deles mesmos, mas que é o único que tem, aos olhos deles, a possibilidade de satisfação total (obviamente ao longo do tempo eles vão ver que a satisfação completa é impossível). O dinheiro e o status é ao mesmo tempo a motivação e o objetivo, motivação porque nunca vai ser o suficiente e objetivo porque se planeja ter e consumir. Kehl (1996) diz:

O esquecimento nos condena a uma eterna indiferença, perturbada somente pela angústia que nos avisa que nenhuma situação de privilégios dura para sempre. Nos condena a um estado de adolescência permanente, impotente e ansiosa, em que cada um se acredita sempre capaz de, sozinho, partir do zero e conquistar o mundo - e quanta culpa sentimos ao ver que isto não acontece! Esta adolescência envelhecida do homem contemporâneo, acompanhada do medo pânico de nossos únicos limites naturais- o envelhecimento, a morte - não oferece nenhum porto onde possamos ancorar ou de onde zarpar o navio de nossos sonhos, já que nos rouba a dimensão coletiva e histórica a que pertencemos. Assim, até os mais belos sonhos se transformam em delírios narcísicos, impotentes na medida justa da nossa fantasiosa onipotência (p 2).

Podemos dizer então que a juventude de hoje pautada no imperativo de gozo e consumo da nossa cultura se distancia cada vez mais de um passado e de um futuro, pois se busca uma satisfação imediata dos desejos. Desejos esses que são ditados e não construídos. Se distancia de um passado pois por ser efêmero não valoriza aquilo que a humanidade já criou e de um futuro porque não pretendem “deixar” nada para outros que não eles mesmos. É uma sociedade efêmera e descartável. Arendt apud Kehl (1996):

A filósofa Hannah Arendt chama a atenção para o fato de que, ao contrário do que as aparências poderiam indicar, o preço pago por este esquecimento ativo das nossas origens é de conformismo e resignação em relação às condições do presente, já que todo desejo de mudança, apartado da consciência do que nos determina, se esgota numa rebeldia inútil. Ou na crença de que nada se pode fazer para transformar o que está posto, pois ignoramos que o que está

posto foi, algum dia, construído por nossos antepassados. Arendt escreve que somos prisioneiros das tradições que recalamos: "o fim de uma certa tradição não significa necessariamente que os conceitos tradicionais percam poder sobre as mentes dos homens. Pelo contrário, às vezes parece que este poder das noções e categorias cediças e puídas torna-se mais tirânico à medida que a tradição perde sua força viva e se distancia da memória de sua origem. Ela revela toda sua força coercitiva somente depois de seu fim, quando os homens nem ao menos se rebelam contra ela". Ao que está se referindo esta passagem, senão ao poder de "eterno retorno" próprio do recalcado? O texto de Hannah Arendt não faz um apelo conservador pela manutenção das tradições; faz um apelo ao desesquecimento das origens do presente, do caráter histórico (portanto mutável) de situações que tendemos a considerar como naturais e imutáveis (p 3).

Considerações finais

Podemos pensar que a escolha profissional vem perdendo cada vez mais seu lugar de importância no mundo social, como um lugar de questionamento e reflexão sobre as escolhas futuras. Parece que seus ideais estão mais permeados e atravessados pela noção de sucesso profissional, que acaba sendo o sinônimo de sucesso financeiro. A carreira não é a impressão de uma identidade e de um desejo próprio do sujeito, sendo muitas vezes o seu único fim, a remuneração e o status quo. Diante disso fica difícil de se pensar na juventude como processo de transformação e de engajamento.

A exigência, a competitividade, a ambivalência, as transformações rápidas e constantes, além da velocidade e a difusão dos meios de comunicação podem ser fatores que se somam aos conflitos e à complexidade do processo adolescente.

Perguntamos se os jovens não estão saindo cada vez mais alienados das escolas, pois a própria escola demanda deles uma “boa pontuação nos vestibulares mais concorridos” e o conhecimento passa a ser quase técnico, tendo pouco espaço para a reflexão e apropriação dos conceitos. A história, por exemplo, não é usada como base para as conquistas do homem e para as suas respectivas injustiças, mas é ensinado de modo que se encaixem nas questões de múltipla escolha das provas. Parece que a própria instituição de ensino está preocupada com o seu status e com o “lucro” que os estudantes vão lhe retornar, não sendo mais um lugar onde se formam cidadãos e agentes de mudança.

Fica difícil de se achar uma alternativa, quando eu só posso falar de mim através dos objetos e das mercadorias, quando tudo que exigido do sujeito é o ter e não o ser em sua extensão autêntica e espontânea. O espaço para se criar, refletir e discutir são escassos, seja na escola ou nas famílias, e se torna cada vez mais exigido dos jovens a eficiência e a produtividade. Sendo seu último meio o consumo.

De fato, percebe-se que a sociedade pós-moderna desvaloriza culturalmente o passado e o futuro, por uma busca de satisfação imediata dos desejos. Sociedade essa que se caracteriza por ser efêmera, praticamente abandonando uma linha de temporalidade humana. Como se tudo nos dias atuais fosse marcado pelo descartável. Desta maneira, corremos o risco de perdermos a dimensão histórica e coletiva que pertencemos.

Percebe-se, assim que não cabe, nem mesmo, a pergunta sobre se o próprio sujeito deve adaptar-se às demandas do mercado e do sistema ou se ele deve de alguma forma fazer frente à isso, seja transformando-o ou propondo novas ideias. Isso quer dizer, o jovem poder se comprometer e se responsabilizar com aquilo que lhe causa vergonha e indignação. Acreditamos que dentro desta perspectiva toda mudança consistente é coletiva, as mudanças individuais servem para cada sujeito, mas não será isso que vai transformar as injustiças do mundo.

Muitas vezes, ao sujeito achar que foi o agente da escolha ele se engana, pois na verdade ele foi escolhido pelo sistema. Muitas vezes nos iludimos com uma suposta liberdade para as escolhas que fazemos, o que supostamente impediria a espontaneidade. Espontaneidade essa que não tem a ver com uma escolha submissa, mas sim de uma escolha que se faz a partir do ser, da escolha de um fazer que seja “ser e fazer”, isto é que vai se funde no estilo de cada sujeito.

Acreditamos que o reconhecimento do Outro, da dimensão coletiva poderia ser uma vertente para encontrarmos um sentido e um pertencimento em um mundo tão individualizado, veloz e efêmero. Ademais, se torna necessário desvendar a forma como cada sujeito se deixou alienar pelas “formações hegemônicas do imaginário social”, implicando-o com seu próprio desejo e o afastando do imperativo de “gozo” da modernidade. Cremos então, ser interessante e necessária a tentativa da apropriação do jovem em relação ao seu projeto de futuro, que estará mais comprometido quanto mais criar, refletir, debater e colaborar, se assumindo então, uma postura crítica e agente de transformação.

Bibliografia

- ARENDT, H. A (2010) *Condição Humana* (R. Raposo, trad.).Rio de Janeiro: Forense Universitária editora. (original publicado em 1958).

- BAUMAN, Z. (2009) *Vida Líquida* .Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. (original publicado em 2005).

- BAUMAN, Z. (2009) *A Arte da Vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. (original publicado em 2008)

-BAUMAN, Z. (2001) *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. (original publicado em 2000)

-BIRMAN, J. *Barbárie, cidadania e desejo* in: *Desejo, barbárie e cidadania*. Vozes editora, organizadora: Maria Ines França, petropolis 1995.

- BOHOSLAVSKY, R. *Orientação Vocacional. A estratégia clínica*. Martins Fontes editora Ltda, 1977.

- BRAZIL, H. V. *A Psicanálise e o Espaço da Cidadania (II)* in: *Desejo, barbárie e cidadania*.Vozes editora, organizadora: Maria Ines França, Petropolis 1995.

- DUPAS, M. A. *Psicanálise e educação: construção do vínculo e desenvolvimento do pensar*. Cultura Acadêmica, 2008

- FREUD, S. *O Futuro de uma Ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das obras completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago (1927-1931)

- FONTANELLA, B.J.B; Campos, C.J.G. ; Turato, E. R. Coleta de dados na pesquisa clínico-qualitativa: uso de entrevistas não-dirigidas de questões abertas por profissionais da saúde. Rev. Latino-Am. Enfermagem vol.14 no.5 Ribeirão Preto Sept./Oct. 2006

- D'ICARAHY M. E.; BARROS R. M. M. A violência na relação mãe-filha. Mesa-redonda: Violência e poder: repercussões no feminino in http://www.fundamentalpsychopathology.org/8_cong_anais/MR_395b.pdf

-KEHL, M. R.; Subjetividade Política e Direitos Humanos in: Palestra de abertura do IV Seminário Nacional de Psicologia e Direitos Humanos, realizado pelo CPF, Brasília-DF, de 12 a 14 de Dezembro de 2002.

-_____;; Clientes Especiais, 2007. Disponível em: <http://www.mariaritakehl.psc.br/resultado.php?id=155>

-_____;; A Juventude como sintoma da cultura, 2004.Disponível em: <http://www.mariaritakehl.psc.br/conteudo.php?id=75>.

-_____;; Você decide... Freud explica in Psicanálise e o contemporâneo, Samira Chalhub (org.) Hacker editores, Cespuc, 1996.

-LA TAILLE, Y. Limites: três dimensões educacionais. Editora Ática, 2000.

-MACEDO, Rosa M. S. de and KUBLIKOWSKI, Ida. Valores positivos e desenvolvimento do adolescente: perfil de jovens paulistanos. *Psicol. estud.* [online]. 2009, vol.14, n.4, pp. 689-698.

- MARIA LUCIA DE OLIVEIRA (organizadora). Educação e psicanálise: história, atualidade e perspectivas.Casa do psicólogo, 2003.

- NASIO, J.D. (1989); Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise. Rio de Janeiro:Jorge Zahar.

- PAIS, J.M. "A construção sociológica da juventude – alguns contributos". *Análise Social*. Lisboa: Instituto Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, vol. XXV, p. 139 a 165, 1990.

- RIOS, M. G. Casais sem filhos por opção: análise psicanalítica através de entrevistas e TAT. Instituto de Psicologia, dissertação de mestrado.

- ROSA, M.D.; CARIGNATO, T.T.; BERTA S. L. Ética e política: a psicanálise diante da realidade, dos ideais e das violências contemporâneos.2005.

- Rosa, M. D.; A pesquisa psicanalítica dos fenómenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica 48 . 2004. *In Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza V. IV. N. 2 .p. 329 - 348 . SET. 2004.*

- TOGNETTA, L. R. P. ; LA TAILLE, Y. A formação de personalidades éticas: representações de si e moral. *Psic.: Teor e Pesq.* v.24 n.2 Brasília abr./ jun. 2008.